Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 25.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 738 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**



UCRÂNIA FIRME NA RÚSSIA

HESITAÇÃO É SÓ ENTRE AVANÇAR OU FAZER RECUO ESTRATÉGICO

PÁGS. 4-5

Um soldado ucraniano do 33.º Batalhão de assalto ajuda uma habitante de Sudzhaa a consertar uma lanterna.

UKRAINE/JSC "UA:PBC"/GLOBAL IMAGES UKRAINE VIA GETTY IMAGES

MIGRAÇÕES CLANDESTINAS, GUERRA HÍBRIDA E TERRORISMO

A "POLICRISE" QUE AMEAÇA A EUROPA

RELATÓRIO A Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, Frontex, alerta para a necessidade de uma gestão integrada para vencer desafios geopolíticos causados pelo cenário de guerras, que fazem aumentar fluxos migratórios para o continente. Rotas marítimas devem ser as mais procuradas no próximo ano.

PÁGS. 8-9

Incêndios na Madeira
Todos contra Albuquerque, até o aliado CDS

PÁGS. 6-7

Rui Couceiro
"Até há muito pouco tempo a Sé do Porto era a verdadeira Cidade Invicta"



PÁGS. 22-23

Prova de vida
Narciso e Valentim, "espécies extintas"



PÁGS. 24-27

HOJE GRÁTIS



QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

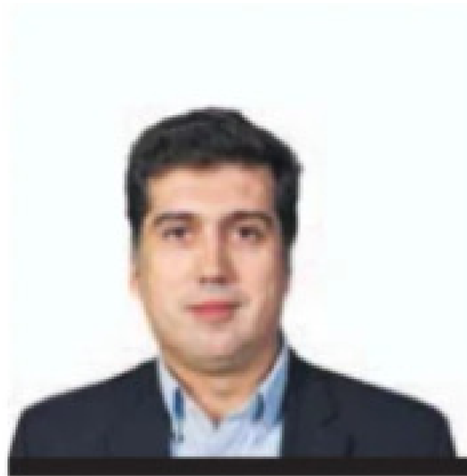
PAULO GONÇALVES MARCOS

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DO SNQTB

"Se pudesse, perguntaria à serpente do Jardim do Éden que espécie de maçã era aquela"

PÁG. 14

Ensino superior Engenharia Aeroespacial ganha cada vez mais destaque nas escolhas dos melhores alunos PÁGS. 10-11



Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Trump perdeu o *killer instinct*?

Algo se passa com Donald Trump. Não mostra a mesma energia que há uns meses, muito menos a garra que demonstrou ao erguer desafiador o punho depois de uma bala lhe ter raspado o rosto num comício na Pensilvânia em meados de julho. Parece mesmo estar à defesa, incapaz de reagir aos ataques de Kamala Harris, que no discurso de encerramento da convenção democrata em Chicago, na noite de quinta-feira, proferiu duríssimas palavras contra o ex-presidente agora de novo candidato pelo Partido Republicano: "Trump não é um homem sério. Mas as consequências de pôr Donald Trump de novo na Casa Branca são extremamente sérias". Claro, os milhares de apoiantes democratas na sala não pouparam os aplausos à mulher que sendo já a primeira vice-presidente da história dos Estados Unidos, ambiciona tornar-se também a primeira presidente depois de 45 homens (Joe Biden é o 46.º presidente, mas apenas por Grover Cleveland contar duas vezes).

Terá sido a desistência de Biden a favor de Harris que mexeu profundamente com Trump. Durante meses, o debate autodestrutivo entre os democratas sobre se o presidente estava ou não em condições físicas e mentais para assegurar um segundo mandato jogou na perfeição a favor do rival republicano. Trump tem 78 anos, só menos três do que Biden, mas parecia passar incólume ao debate sobre a idade, mesmo tendo sido em 2017 o presidente mais velho de sempre a tomar posse e, caso ganhe de novo a 5 de novembro, recuperará o recorde. Sim, faz menos *gaffes* que Biden, mas também as faz, só que as atenções nele sempre estiveram mais centradas na retórica agressiva, como quando agora insiste em chamar Harris de "camarada" e a acusa de ser "comunista ou marxista", etiquetas que nunca foram populares entre os americanos.

Chamar "camarada" a Harris parece até pouco vindo de Trump. Num comício recente, queixou-se à audiência de que a sua equipa de conselheiros o andava a travar, a obrigar a vestir uma pele de moderado que não é a sua. Claro que ouviram-se logo gritos a pedir a Trump para ser autêntico, mas o próprio candidato sabe que quem o aconselha tem razão: aos fiéis incondicionais é preciso juntar os indecisos, e para isso há que insistir em temas como a economia, o crime e a imigração, considerados pontos frágeis da candidatura democrata, seja com Biden antes, seja com Harris agora.

Trump sabe que para ganhar as eleições na América não basta ser muito votado, não basta sequer ser o mais votado. É preciso ganhar votos aqui e além em certos condados que por sua vez podem garantir a vitória num estado vital e logo ter os tais grandes eleitores que no final de contas decidem quem vai para a Casa Branca. Aliás, Trump sabe que em 2016 foi assim, com apoios estratégicos, por exemplo no Michigan, que foi eleito presidente, mesmo que Hilllary Clinton tenha ganhado com clareza no voto popular.

Não são, porém, as dicas dos conselheiros a razão da falta de energia de Trump. O que lhe faz mesmo diferença é já não ter Biden a concorrer contra ele. O republicano queria uma espécie de desforra de Biden pelo que sucedeu em 2020. Queria vingar-se. Ganhar a Casa Branca é o objetivo, mas ganhá-la a Biden seria a cereja no topo do bolo. Só que agora não é o "*Sleepy Joe*" que o vai enfrentar nas urnas, mas a tal "*comrade*", já não é o "Joe Dorminhoco" o concorrente, mas sim a "camarada". E será com Harris que terá de debater a 10 de setembro na televisão, um encontro que se prevê em nada semelhante ao que teve a 27 de junho, na CNN, com Biden, um dos tais momentos em que pareceu haver um tremendo fosso de idade e não apenas os três anos.

Uma das forças de Kamala é a relativa juventude. Tem 59 anos. A outra é ter escolhido um candidato a vice, Tim Walz, que lhe acrescenta muito, ao contrário da aposta de Trump, um JD Vance que muitas vezes parece querer ser um Trump II. Mas o maior trunfo da atual vice-presidente tem sido a sua capacidade de motivar as bases do partido, congregar a vasta coligação que são os democratas, das minorias aos com mais estudos, das mulheres aos colarinhos azuis. Olhando para presidenciais mais recentes, há uma maioria sociológica na América de democratas. Desde 1992, os seus candidatos ganharam em voto popular todas as eleições para a Casa Branca, exceto em 2004. E em 2020, quando o duelo Trump-Biden foi travado, a mobilização do eleitorado democrata fez do presidente agora de saída o mais votado da história dos Estados Unidos, com mais de 81 milhões de votos.

As sondagens não favorecem Trump. Mas faltam mais de dois meses para as presidenciais. Em 2016, também as perspectivas do candidato republicano pareciam más nesta fase da campanha, sobretudo depois da convenção democrata, e no fim Trump foi o vencedor. E não esquecer que em 2020, apesar da derrota para Biden, aumentou o número de votos e até se tornou o segundo homem mais votado de sempre nos Estados Unidos. Portanto, é apressado dizer que Harris já ganhou. Trump, vestindo a sua pele ou seguindo à letra os conselhos da equipa, há de voltar a ganhar presença. Mas, para já, parece mesmo que perdeu o *killer instinct*, esse gosto por desferir golpes e mais golpes verbais que deixam o adversário sem resposta, atordoado.

OS NÚMEROS DO DIA

120

MILHÕES DE EUROS
A OMS assegurou que o atual surto mpox "pode ser controlado e travado" e anunciou um plano de cerca de 120 milhões de euros para os próximos seis meses.

42

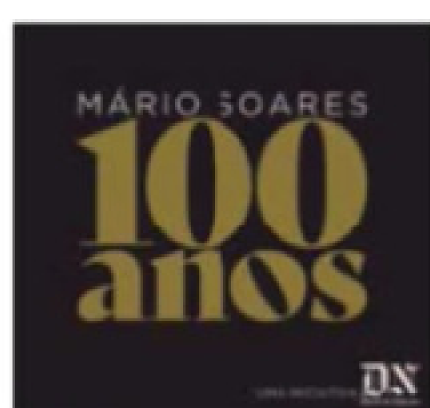
MORTOS
Cerca de 300 mil pessoas no Bangladesh refugiaram-se ontem em abrigos de emergência devido às enchentes que inundaram vastas áreas do país. As inundações ocorridas devido a chuvas das monções provocaram 42 mortos.

230

PRISIONEIROS
A Rússia e a Ucrânia trocaram ontem 230 prisioneiros de guerra, 115 de cada lado.

37

MORTOS
Pelo menos 37 palestinianos morreram ontem em ataques do exército israelita na Faixa de Gaza, segundo a Defesa Civil de Gaza, indicando que, desde o início da guerra, a "área humanitária", segura para os civis, foi reduzida de 230 quilómetros quadrados.





25.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



GUERRA

Ucrânia firme na Rússia. Hesitação é só entre avançar ou fazer recuo estratégico

INCURSÃO Segurar território russo para ganhar vantagem em futuras negociações com Moscovo parece ser a melhor opção para Kiev, segundo os especialistas em assuntos militares ouvidos pelo DN. Mas esta solução poderá passar por vários cenários, sendo quase certo que tão cedo não haverá conversações entre as duas partes.

TEXTO **ANA MEIRELES**



Há precisamente 19 dias a Ucrânia apanhou a Rússia e o resto do mundo de surpresa com uma incursão militar transfronteiriça na região de Kursk, a primeira em solo russo desde a Segunda Guerra Mundial. "Houve surpresa para todos, isso parece-me incontornável. Moscovo não foi só surpreendida como ficou perante uma situação embaraçosa e difícil de explicar, ao falhar identificar um efetivo de forças tão grande a concentrar-se junto à fronteira", refere ao DN o major-general Carlos Branco.

Kiev afirma controlar, até ao momento, uma área de cerca de 1250 quilómetros quadrados e quase uma centena de localidades. No decorrer desta operação militar, as tropas ucranianas conseguiram também destruir as três pontes da região que atravessam o rio Seym, que ligava as forças russas ao distrito de Glushkovsky, impedindo assim a Rússia de fazer entrar ou sair mantimentos e equipamento num perímetro de cerca de 640 quilómetros quadrados.

"Esta operação vai ter consequências no decurso da guerra. E já mudou claramente, as pessoas podem dizer que não, em particular os russos dizem que não, mas mudou a partir do momento em que, desde a Segunda Guerra Mundial, nunca houve ninguém que invadisse o território russo. A entrada em espaço russo era uma linha vermelha para Putin e para o Kremlin, com ameaças do uso de armas nucleares, e já vimos que afinal não é uma linha vermelha. Portanto, isto já mudou, toda a narrativa russa foi transformada, é algo que marcará a História", defende ao DN o major-general João Vieira Borges, coordenador do Observatório de Segurança e Defesa da SEDES. "Acho que podemos presumir precisamente o contrário. Não é uma opinião, são factos", contrapõe Carlos Branco. "Eu sei que esta operação foi planeada com uma grande componente de propaganda e de operações psicológicas, exatamente para dar essa noção, mas ainda é muito cedo para se dizer seja o que for", prossegue o especialista em assuntos militares.



"O que a Ucrânia pretende é ocupar território russo para depois ter esse território como moeda de troca e ir a conversações."

Major-general Carlos Branco
Especialista em assuntos militares

A incursão, apelidada pela Rússia de "ataque terrorista", obrigou o Kremlin a enviar para a zona mais tropas e mais armamento, tendo decidido apostar em "operações antiterroristas" para repelir ataques e avanços ucranianos. Paralelamente, retiraram da zona mais de 120 mil civis. "A resposta da Rússia, até agora, foi aquilo que foi possível, porque há muitos civis na zona e a Rússia está mais preocupada, nesta altura, antes de fazer uma operação ofensiva, em retirar os seus civis, esta é uma explicação possível. A outra explicação é não ter capacidade para o fazer [...] mas eu tenho muitas dúvidas de que a Rússia não faça, mais tarde ou mais cedo, uma operação ofensiva de grande envergadura para fazer recuar as forças ucranianas até à fronteira", vaticina Carlos Branco.

Para João Vieira Borges, o Kremlin "tomou a decisão que devia tomar. Transformou aquela operação numa região em que não tinha muitas forças militares numa operação de luta antiterrorista, no sentido de, em primeiro lugar, manter as forças naquilo que lhe interessa, no eixo de Donetsk, e, em segundo lugar, tratar o assunto com as forças antiterroristas e não com as forças armadas é como se fosse uma incursão secundária, sem consequências para a Rússia, e é bom que não o pareça nas notícias para não tornar a situação muito crítica em termos de moral do povo russo [...] É uma estratégia, vamos ver no futuro se é correta, mas, neste momento, é compreensível", refere o mesmo analista militar.

O presidente Volodymyr Zelensky esclareceu há cerca de uma semana que o objetivo de Kiev é criar uma zona tampão na região para evitar novos ataques russos. Dias antes, um dos seus assessores, Mykhailo Podolyak, já havia dito que a Ucrânia não pretende ocupar território russo, mas sim pressionar Moscovo a "entrar num processo de negociação justo". "Na fase atual, dada


Nem Vladimir Lenine, o fundador da União Soviética, escapou ileso à incursão ucraniana na Rússia.

YAN DOBRONOSOV / AFP

esta aventura, não vamos conversar", respondeu Yuri Ushakov, conselheiro diplomático do presidente Vladimir Putin, acrescentando que, "neste momento, iniciar um processo de negociação seria totalmente inapropriado".

Perante este impasse entre as duas partes no que diz respeito a negociações imediatas são vários os cenários que se vislumbram como possíveis para esta operação militar especial da Ucrânia.

Recuar, mas dentro do território russo

Para o major-general João Vieira Borges existem três cenários possível, sendo o mais provável "recuar para uma posição, basta olhar para o mapa, que apresenta um obstáculo natural, o tal rio das pontes. Ao recuar ganha sustentabilidade o apoio, no entanto fica com uma área menor, à volta de 750 quilómetros quadrados, mas tapa uma espécie de enclave que ali está e consegue segurar até negociar politicamente e com menos baixas, porque tem proteção", prossegue o coordenador do Observatório de Segurança e Defesa da SEDES. "No fundo, funcionará quase como território ucraniano, até haver uma negociação política." O grande senão deste cenário, na opinião de João Vieira Borges, "é que a Rússia diz, e vai continuar a dizer, que enquanto houver ocupação de território não há qualquer tipo de negociação", e, na perspetiva de uma nova conferência de paz em novembro, "pode ser a comunidade internacional a instar a Ucrânia a voltar às fronteiras internacionais para negociar e pressionar a Rússia a estar presente, porque a Rússia vai usar isso como estandarte. Mas, da mesma maneira, a Ucrânia podia dizer que enquanto houver forças russas no seu território também não negoceia, não é?"

Continuação dos combates

O major-general Carlos Branco acredita que "não há negociações de forma justa", mas sim "negociações possíveis, consoante a força que cada parte tiver", ou seja, "se a correlação de forças for simétrica, terá de haver mais compromissos, mas se a relação de forças for assimétrica, a parte que está em vantagem terá mais vantagens". Ou seja, "o que a Ucrânia pretende é ocupar território russo para depois ter esse território como moeda de troca e ir a conversações. Kiev já deu a entender que estaria disponível para ir a conversações a breve trecho, mas os russos disseram que nesta altura não há condições para tal". E é com base nestas premissas que este especialista em assuntos militares acredita que o cenário mais provável é o seguinte: "Temos de estar preparados para a continuação dos combates e, eventualmente, a tentativa da Rússia de recuperar territórios russos ocupados nesta altura pelos ucranianos." João Vieira Borges também vê como uma possibilidade a Ucrânia "manter e alargar a zona de 1250 quilómetros quadrados que controla atualmente enquanto puder". Mas recorda que esta hipótese "cria riscos enormes, porque é preciso apoio logístico, porque as forças ucranianas estão descobertas em termos aéreos, criando muitas baixas e destruição de muitos meios, sendo de alto risco".

"A Ucrânia quer, de facto, ganhar tempo. Mas quer fundamentalmente resolver isto antes da tomada de posse da nova Administração norte-americana, porque, se ganhar Trump, a situação da Ucrânia não será muito confortável, e também parece que Kamala Harris tem uma posição um pouco diferente da Administração Biden relativamente ao apoio que os Estados Unidos devem continuar a dar à Ucrânia. Teremos de ver se Kamala Harris consegue sobrepor a sua vontade ao *establishment*", defende o major-general Carlos Branco. "Perante estas incertezas, Zelensky está a fazer os possíveis e os impossíveis para, quando a nova Administração tomar posse, a situação do futuro da Ucrânia estar clarificada e conseguir um acordo de paz até novembro. Se vai conseguir, estou muito cético", conclui.

Zona-tampão ucraniana

Carlos Branco também vê como uma probabilidade, olhando para a situação no campo de batalha na quinta-feira, data em que falou com o DN, "a Rússia não ter capacidade para recuperar estes territórios, Zelensky constituir uma zona-tampão e, perante isso, Moscovo irá para a mesa de negociações numa situação mais fragilizada e a Ucrânia numa situação mais forte, que é, no fundo, o objetivo que eles pretendem atingir".

Recuar às suas fronteiras e reorientar forças

O terceiro cenário avançado pelo major-general João Vieira Borges é a Ucrânia "recuar, quando entender adequado, às suas fronteiras internacionais e depois reorientar essas forças de reserva para Donetsk ou Zaporíjia, para onde entender adequado".

ana.meireles@dn.pt



"A Ucrânia pode recuar para uma posição, basta olhar para o mapa, que apresenta um obstáculo natural, o tal rio das pontes. Ao recuar fica com uma área menor, à volta de 750 quilómetros quadrados."

Major-general João Vieira Borges
Coordenador do Observatório de Segurança e Defesa da SEDES

Kiev e Moscovo trocam 230 presos

O presidente ucraniano prometeu ontem que a Rússia "vai saber o que é a retaliação", no Dia da Independência da Ucrânia, marcado pela troca de 230 prisioneiros entre os dois países. "A Rússia queria destruir-nos", mas a guerra "voltou para casa", disse Volodymyr Zelensky num vídeo que terá gravado na zona fronteiriça de onde Kiev lançou a incursão-surpresa há duas semanas. De acordo com Moscovo, 115 soldados feitos prisioneiros na região de Kursk foram libertados em troca de 115 ucranianos, graças à mediação dos Emirados Árabes Unidos.

Incêndios na Madeira. Todos contra Albuquerque, até o aliado CDS

CRISE Centristas madeirenses contrariam líder do Governo Regional e questionam a "coordenação" e o "combate operacional" aos incêndios. PCP revela que no dia 14, na Serra de Água, foram lançados foguetes num arraial.


Bombeiros e Proteção Civil preparam combate ao incêndio no sítio da Lombada, no concelho da Ponta do Sol.
HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

É "uma demarcação clara em relação às decisões, aos comportamentos e comunicação que o CDS considera inadequados", afirma ao DN José Manuel Rodrigues.

Para o líder do CDS Madeira, partido que desde 2019 tem viabilizado os governos de Miguel Albuquerque, "é indesmentível que há investigações a fazer, esclarecimentos a prestar e factos que devem ser apurados por especialistas e técnicos quer da prevenção, quer da proteção civil, quer técnicos da conservação e defesa da floresta e dos ecossistema e biodiversidade", diz, contrariando as certezas de Albuquerque, presidente do Governo Regional, de que todas "as decisões foram as adequadas".

Ficou por esclarecer, como questiona o PCP, a autorização para que, no dia 14, fossem "lançados foguetes no arraial" na Serra de Água – zona onde o incêndio teve início. Albuquerque tem sempre falado em "fogo posto".

Nesse sentido, os centristas exigem a criação de uma "Comissão Técnica Independente para análise e apuramento dos factos", dada "a gravidade destes incêndios", já que as "condições particularmente adversas, com altas temperaturas, humidade baixa e ventos fortes", não servem de "justificação para a dimensão que os fogos atingiram nas zonas altas da ilha, atingindo mesmo o seu topo".

O CDS Madeira quer, por isso, que seja feita a "avaliação do combate operacional, nomeadamente do Serviço Regional de Proteção Civil e de todas as entidades regionais envolvidas no ataque aos incêndios, quer na ação, na coordenação ou na omissão desde o início dos fogos"; saber das "razões da recusa da Região em integrar o Plano Nacional Integrado de Fogos Rurais em 2020", e ainda, por exemplo, "determinar se os meios humanos e materiais, nomeadamente os aéreos, são os suficientes para combater fogos desta natureza".

Dinarte Fernandes, presidente da Câmara de Santana, eleito pelo CDS, tem duas certezas. A primeira é que "sem os meios que foram disponibilizados pela República, nomeadamente a equipa especial de bombeiros, e depois a ativação do meio europeu com as aeronaves, muito dificilmente tínhamos a situação na Região Autónoma da Madeira controlada".

A segunda é de espanto e pasmo. "Andámos 20 e tal anos a dizer que o helicóptero não dava, afinal dá e funciona. Andámos outros 20 e tal a dizer que os Canadair e os meios aéreos de asa fixa não funcionariam, e afinal funcionam", referiu. Conclusão? "Não sermos tão bairristas ao ponto de acharmos que temos aqui as soluções todas" – como Miguel Albuquerque referia nos primeiros dias.

Ao Expresso, Sande e Silva, especialista em incêndios da Escola Superior Agrária de Coimbra, sublinhou, nesse sentido, uma mudança significativa no terreno após a chegada dos sapadores florestais e dos bombeiros da força especial da proteção civil. "Botas no terreno, conter o fogo em vez de o atacar de forma direta, com manobras e uso de ferramentas manuais para abrir aceiros e levar à extinção do fogo", explicou.

A criação de uma Comissão Técnica Independente, a par da

Os quatro dias da polémica

As férias de Miguel Albuquerque e do secretário regional da Saúde e Proteção Civil, a recusa de ajuda e as estratégias de combate.

Dia 14, 9h48

Alerta de incêndio numa encosta de difícil acesso. 14h45: há seis bombeiros em ação e, "dada a complexidade da situação, foi solicitado, pelo comandante das Operações de Socorro do Corpo de Bombeiros Mistos da Ribeira Brava e Ponta do Sol, o meio aéreo e respetiva brigada helitransportada para auxílio aos seis operacionais daquele corpo de bombeiros. Embora tenham sido mobilizados com uma viatura de combate a incêndios, as condições do terreno limitam a eficácia das operações em terra". Justificação? O único helicóptero é nesta ocorrência "o principal recurso para o combate às chamas". 20h06: o Instituto Português do Mar e da Atmosfera coloca as regiões montanhosas e a costa sul da Madeira sob aviso laranja.

Dia 15, 11h27

O incêndio continua ativo, mobilizando 16 bombeiros, quatro viaturas e o helicóptero da proteção civil. Tendo começado numa encosta de difícil acesso, na Serra de Água, já tinha alastrado para as zonas do Espigão e da Trompica, nas zonas altas do concelho da Ribeira Brava. 19h59: incêndio continua a lavrar, com duas frentes ativas. No local encontram-se 21 operacionais dos Bombeiros Mistos da Ribeira Brava e Ponta do Sol, Bombeiros Voluntários Madeirenses e Bombeiros Voluntários de Câmara de Lobos, dois polícias florestais, dois sapadores florestais e sete veículos.




Incêndio atingiu o Pico Ruivo, o ponto mais alto da Madeira, concelho de Santana.


Casa que foi cercada pelo fogo durante o incêndio na Serra de Água, concelho da Ribeira Brava.

comissão de inquérito proposta pelo PS, para apurar as responsabilidades políticas poderá, acreditam fontes do CDS e da Proteção Civil Regional, criar "maiores dificuldades e estragos" em Albuquerque e no seu governo do que as suspeitas dos "crimes de atentado contra o Estado de direito, prevaricação, recebimento indevido de vantagem, corrupção passiva, corrupção ativa, participação económica em negócio, abuso de poderes e de tráfico de influência".

"É que desta vez", salientam as mesmas fontes, "ficou à vista de todos que abandonou os madeirenses ao fogo enquanto gozava férias ali ao lado [em Porto Santo] e foi recusando ajudas do governo da República que podiam ter travado esta desgraça".

O PS, com a comissão de inquérito, quer "analisar as decisões políticas, as medidas tomadas, em que tempo foram tomadas e por quem foram tomadas, questionar a ausência do presidente do governo e do secretário regional com a tutela da proteção civil nos quatro primeiros dias de incêndio" e "apurar a ativação tardia do Plano Regional de Emergência e Proteção Civil da Região Autónoma da Madeira e esclarecer as graves afirmações públicas por parte do Governo Regional. Importa inventariar os prejuízos no património natural e o impacto que estes incêndios têm na economia, nas empresas e nas pessoas".

Para o Chega, que permitiu a continuidade de Albuquerque na governação ao aprovar o programa de governo, há "faltas graves que não podem acontecer numa estrutura de coordenação do serviço de proteção civil".

Miguel Castro, líder regional do partido, identifica "a falta de rigor e profissionalismo com que se abordou o primeiro foco de incêndio, detetado muito a tempo numa área de fácil acesso"; "as férias dos responsáveis máximos pela coordenação da proteção civil. Em época de incêndios estas pessoas não podem ir de férias"; "a falta de conhecimento do terreno e de conhecimentos técnicos de combate a incêndios. É inaceitável e imperdoável que um presidente do serviço de proteção civil tenha afirmado várias vezes que não eram necessários meios aéreos e que os mesmos não serviam na Madeira", e, por último, "a ausência de um plano de combate a fogos florestais e rurais, que apenas existe no papel".

Edgar Silva, líder regional do PCP, que acusa Miguel Albuquerque de "desleixo e incúria", destaca que "onde o Governo Regional e a proteção civil mais erraram foi, desde logo, na Serra de Água, no dia 14 de agosto, quando foram lançados foguetes no arraial, e não houve uma mobilização adequada dos meios de intervenção para combater o fogo que ali tinha deflagrado. Depois, a montante, é altamente criticável a inação no campo da prevenção e no reduzir dos riscos (nas zonas ardidas em anos anteriores) associados aos incêndios rurais".

Depois, acrescenta o PCP, "tudo quanto foram inércias e erros crassos no combate aos incêndios e na postura negligente são decorrências dos outros nexos causais".

Dia 16, 00h32
O incêndio alastra e as chamas propagam-se para as zonas altas do concelho de Câmara de Lobos, atingindo as serras do Jardim da Serra. Para esta localidade foi mobilizado um veículo ligeiro de combate a incêndios com três operacionais. 17h06: o incêndio continua ativo e vai em direção à freguesia do Curral das Freiras.

Dia 17, 10h46
O incêndio já alcançou a freguesia de Curral das Freiras e obrigou à retirada de residentes. Está a ser combatido por 56 operacionais, apoiados por 18 viaturas e um meio aéreo. 13h16: o líder do PS Madeira diz ser "incompreensível e irresponsável" a decisão de Miguel Albuquerque de rejeitar o apoio disponibilizado pelo governo da República alegando que os meios no terreno são de momento suficientes. O Plano Regional de Emergência de Proteção Civil da Região Autónoma da Madeira continuava por ativar.

Na Serra de Água, no dia 14 de agosto, quando foram lançados foguetes no arraial, não houve uma mobilização adequada dos meios de intervenção para combater o fogo que ali tinha deflagrado."

Edgar Silva
Líder do PCP Madeira

"É inaceitável e imperdoável que um presidente do serviço de proteção civil tenha afirmado várias vezes que não eram necessários meios aéreos e que os mesmos não serviam na Madeira."

Miguel Castro
Líder do Chega Madeira

"É indesmentível que há investigações a fazer, esclarecimentos a prestar e factos que devem ser apurados."

José Manuel Rodrigues
Líder do CDS Madeira

"Importa questionar a ausência do presidente do governo e do secretário regional com a tutela da proteção civil nos quatro primeiros dias de incêndio."

Paulo Cafôfo
Líder do PS Madeira

Migrações clandestinas, guerra híbrida e terrorismo. A "policrise" que ameaça a Europa

RELATÓRIO A Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, Frontex, alerta para a necessidade de uma gestão integrada para vencer desafios geopolíticos causados pelo cenário de guerras, que fazem aumentar fluxos migratórios para o continente. Rotas marítimas devem ser as mais procuradas no próximo ano.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Instabilidade no Médio Oriente, guerra na Europa e crescentes conflitos na região africana do Sahel são vistos como uma "policrise" que terá impacto direto nas fronteiras externas europeias, segundo o prognósticos da Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (Frontex). No seu último relatório, publicado este mês – intitulado *Análise Anual de Riscos da Frontex 2024/2025* –, a agência analisa os principais riscos que podem vir a ter impacto na região já no próximo ano. O objetivo da análise é ajudar a "tomada de decisões estratégicas com base numa nova abordagem regional".

Em 30 páginas, a Frontex faz uma reflexão sobre os principais conflitos próximos da Europa que podem ter consequências diretas ou indiretas no fluxo migratório para o continente. "No próximo ano há amplo potencial para mais instabilidade na proximidade direta da Europa, não apenas no Oriente Médio, mas também nos Balcãs Ocidentais, no Cáucaso, na Ásia Ocidental e no Sahel", destaca.

Logo no início da publicação, Hans Leijtens, diretor-executivo da Frontex, assinala que as operações "são projetadas não apenas para gerir fronteiras, mas também para salvar vidas e proteger os vulneráveis", e relembra que tais conflitos possuem "um custo humano" e que a gestão das fronteiras precisa de ser feita "com humanidade e eficiência".

A lista de preocupações já era longa no ano anterior. mas este ano a guerra Israel-Hamas e outras tensões entre Israel e países árabes trouxeram desafios adicionais. "Da perspetiva da gestão de fronteiras da União Europeia (UE), sírios e outras nacionalidades hospedadas numa região mais ampla podem ser empurrados para migrar, já que as dificuldades económicas e as incertezas que enfrentam são exacerbadas pelo conflito."

A rota do Mediterrâneo Oriental deve ser a mais afetada. Entre janeiro e maio deste ano a rota teve um aumento de 103% na comparação com o período homólogo de ano passado. No total, foram 21.773 mil pessoas a atravessar a fronteira nos cinco primeiros meses de 2024. A maior parte dos cidadãos são da Síria e Afeganistão, mas há também aumento de outras nacionalidades, como os libaneses.

> "As ameaças podem ser altamente imprevisíveis", com a Rússia e a Bielorrúsia "a usarem migrantes irregulares como uma ferramenta para exercer pressão sobre a União Europeia".

A Frontex indica que o aumento de tensões entre o Hezbollah e Israel é outro fator que pode aumentar os fluxos migratórios deste país. A agência já registou um "aumento nas chegadas" por mar no início de 2024" no Chipre. É destacado que o apoio da UE ao Líbano em 2025 é importante, pois "pode mitigar os fluxos migratórios e reduzir gradualmente os fatores de pressão, ao mesmo tempo que melhora as capacidades de gestão de fronteiras das autoridades".

Influência russa

Na fronteira leste a geopolítica é que dita as cartas de maneira repentina. "Em nenhum outro lugar nas fronteiras externas a geopolítica é um determinante mais forte da migração do que nas fronteiras orientais", alerta a agência. As ameaças podem ser "altamente imprevisíveis", com a Rússia e a Bielorrússia "a usarem migrantes irregulares como uma ferramenta para exercer pressão sobre a União Europeia". De janeiro a maio deste ano a fronteira leste teve 4451 travessias irregulares, um aumento de 96% em comparação com o período homólogo.


Agentes da Frontex em trabalho no terreno.

Novamente, aspetos políticos que parecem distantes podem influenciar diretamente a situação. A agência analisa que uma vitória de Donald Trump nas eleições americanas deste ano e o risco da retirada de apoio dos Estados Unidos à Ucrânia pode causar "outra onda de refugiados". Há também o risco de mais instabilidade política na Rússia e Bielorrússia, que pode levar muitos cidadãos a deixarem tais países. "A situação continuará tensa" na fronteira oriental, alerta.

Nos mais de 1300 quilómetros de fronteira da Finlândia com a Rússia a ameaça continua "híbrida" e sem previsão de mudar enquanto Vladimir Putin "não mudar a sua política de fronteira e objetivos geopolíticos", porque a "migração instrumentalizada pode intensificar-se a qualquer momento, inclusive em pontos de fronteiras, se assim o Kremlin decidir".

A influência russa estende-se pela Moldávia, que vai a eleições em outubro próximo. Na visão da Frontex, o país é "vítima de campanhas híbridas russas, incluindo chantagem energética e manipulações da opinião política e pública. A depender do resultado "há vários cenários de baixa probabilidade e alto impacto envolvendo a Moldávia, nos quais as fronteiras externas da União Europeia podem ser atingidas".

Poder de Putin em África

Mas o poder do líder russo vai ainda mais longe, nomeadamente no Norte de África, na República Centro-Africana e no Sahel. Não é descartado o impacto na Europa nos próximos anos.



NIKOLAY DOYCHINOV / AFP

"Pode ser capaz de criar e possivelmente direcionar fluxos migratórios, cujos efeitos podem potencialmente ser sentidos nos próximos anos."

Em países como o Níger, parceiro da Rússia e onde aconteceu um golpe de Estado no ano passado, a Frontex prevê que o território "recupere o seu papel fundamental como país de trânsito em direção à rota do Mediterrâneo Central". Uma lei que coibia a imigração irregular foi extinta em 2023, o que reabriu oficialmente as rotas migratórias pelo país.

Agadez, a maior cidade nigeriana, voltou a ser o principal centro para migrantes subsaarianos que se dirigem à Europa. A principal rota utilizada é a do Mediterrâneo Central, que "experimentará os efeitos colaterais de vários deslocamentos em larga escala na região subsaariana". É o caso da instabilidade no Sahel, que pode provocar "novos picos" de chegadas de migrantes ocasionadas por "desenvolvimentos adversos" na região.

> "A crescente ameaça terrorista que emana do Sahel significa que as entradas não detetadas de pessoas ligadas ao terrorismo nas fronteiras externas continuarão a ser uma grave preocupação para a segurança interna da União Europeia."

De acordo com o Índice Global de Terrorismo, o epicentro do terrorismo mudou definitivamente do Médio Oriente para a região do Sahel Central da África Subsaariana. A região teve cerca de quatro mil mortes por terrorismo no ano passado, quase 50% do total mundial.

Outras rotas do Mediterrâneo

Na previsão da agência, uma das principais portas de entrada na Europa, a rota do Mediterrâneo Ocidental, deve permanecer estável em 2025. Um dos motivos é a intensificação dos esforços dos países de trânsito para conter a imigração regular. O trabalho, no entanto, precisa continuar para ter o efeito desejado. "Embora os recursos atuais não sejam ilimitados, espera-se que esses países mantenham os seus esforços num nível consistente, mantendo sempre o respeito pelos direitos humanos. Quaisquer mudanças nos fatores que influenciam as medidas dos países de partida, como fatores de pressão em termos de migração e cooperação regional, podem afetar a pressão migratória nessa rota."

Esta rota é a mais mortal, por ser em mar aberto, numa grande extensão e com "capitães" inexperientes nas embarcações. Acresce o facto de as taxas cobradas pelos traficantes de pessoas nessa rota serem relativamente baixas. Os já conhecidos fatores "económicos, políticos e de segurança, bem como perceções e oportunidades individuais", são os motivadores das travessias.

A Frontex também identificou que as redes de contrabando de pessoas "agora têm cúmplices nas ilhas Canárias". São os responsáveis por ajudar os migrantes a chegarem à Europa continental. Eles já chegam ao território com o contacto destes cúmplices, o que demonstra "a iniciativa e os recursos para estabelecer um modelo de negócios intercontinental". Além de Espanha, Portugal também pode ser um destes destinos, como já tem vindo a ocorrer.

> "A ameaça representada por terroristas misturando-se com fluxos migratórios mistos provavelmente aumentará no contexto da polarização das sociedades europeias sobre a guerra do Hamas com Israel."

Ameaças terroristas

As ameaças podem vir de várias regiões e serem causadas por diferentes conflitos, indica a Frontex. Uma delas deriva do conflito Israel-Hamas. "A ameaça representada por terroristas misturando-se com fluxos migratórios mistos provavelmente aumentará, no contexto da polarização das sociedades europeias sobre a guerra do Hamas com Israel". Ao mesmo tempo, com a intensificação do conflito, "os alvos europeus são mais atraentes para grupos terroristas, que podem usar a inevitável reação social para ajudar nos seus esforços de recrutamento".

África tornou-se um terreno fértil para grupos extremistas violentos, como o Estado Islâmico, na Província da África Ocidental (ISWAP), e a Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM). A Frontex alerta também para este perigo. "A crescente ameaça terrorista que emana do Sahel significa que as entradas não detetadas de pessoas ligadas ao terrorismo nas fronteiras externas continuarão a ser uma grave preocupação para a segurança interna da União Europeia".

As tensões no Sahel ainda podem ocasionar "mais travessias marítimas na rota da África Ocidental e uma oportunidade para que elementos criminosos ou indivíduos com conexões com grupos terroristas se misturem nos fluxos migratórios para a União Europeia".

Como medidas de prevenção e proteção, a agência ressalta que "verificações sistemáticas contínuas de fronteira com base em biometria e controles de fronteira consistentes e vigilantes permanecem primordiais na prevenção da movimentação de indivíduos de alto risco". As ações são "primordiais" para prevenir a movimentação de indivíduos de alto risco e mitigar os riscos associados à segurança interna da União Europeia.

A Frontex também considera essencial que acordos com países de trânsito continuem a ocorrer, como forma de diminuir a pressão migratória e a consequente chance de infiltrar terroristas entre os migrantes. O próximo documento de análise de risco estratégico da agência terá um horizonte de tempo de 10 anos, com desenvolvimento de cenários para gestão das fronteiras até ao ano de 2034, além do estudo de grandes tendências, como o aumento dos desequilíbrios demográficos, aceleração da mudança tecnológica, hiperconectividade e aumento das desigualdades.

amanda.lima@dn.pt



Universidade do Porto tem seis cursos entre os 10 com média de entrada mais elevada.

(ANDRÉ ROLO / GLOBAL IMAGENS

Engenharia Aeroespacial ganha cada vez mais destaque nas escolhas dos melhores alunos

ENSINO SUPERIOR. Novo curso, aberto pela Universidade do Porto, tem a média mais alta de entrada, com o último admitido a apresentar nota de candidatura de 194,5 valores. Primeira fase de acesso colocou quase 50 mil novos estudantes no ensino superior público, um aumento de 1,1% em relação ao ano passado.

TEXTO **RUI FRIAS**

A nova licenciatura em Engenharia Aeroespacial lançada pela Universidade do Porto para o próximo ano letivo é o curso com a maior média de entrada no ensino superior em 2024-2025. Segundo a lista de colocações na primeira fase de acesso, divulgada este domingo pela Direção-Geral do Ensino Superior (DGES), o último dos 30 alunos admitidos na nova licenciatura da Universidade do Porto entrou com uma média de 194,5 valores. Engenharia Aeroespacial ganha, de resto, cada vez mais destaque entre as escolhas dos alunos com melhor média de candidatura: entre os 10 cursos com média de entrada mais elevada quatro são dessa área.

No total, foram colocados 49.963 novos estudantes na primeira fase do Concurso Nacional de Acesso (CNAES) para o ano letivo de 2024-2025 no ensino superior público, um aumento de 1,1% face ao ano anterior. O número de estudantes colocados, salienta a DGES, "representa uma taxa de colocação de candidatos de 85,7%, crescendo dois pontos percentuais face ao ano anterior", devido também à diminuição do número de candidatos neste ano. Das 54.666 vagas colocadas a concurso sobram assim menos de cinco mil (4996) para a segunda fase de candidatura, o número mais baixo desde 1999.

Nesta primeira fase do CNAES, mais de metade (56,1%) dos estudantes foram colocados na sua primeira opção de candidatura e 87,8% numa das três primeiras opções.

Universidade do Porto com seis cursos no *top* 10

No *top* 10 dos cursos com nota mais elevada de entrada para o último colocado, Engenharia Aeroespacial reforça então a sua posição entre as preferências demonstradas pelos melhores alunos do secundário, ocupando quatro desses 10 primeiros lugares: além da nova licenciatura lançada pela Universidade do Porto

U. Porto lidera "índice de procura"

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação, a Universidade do Porto (UP) alcançou o primeiro lugar no "índice de procura", com 168,77%. Este é o indicador que mede a relação entre as vagas preenchidas e as primeiras escolhas dos estudantes, explica a UP em comunicado. Em segundo lugar, neste índice, está o ISCTE, em Lisboa, com 152,24%. O índice termina com a Universidade da Beira Interior, a última escolha dos estudantes, com apenas 72,39% neste indicador.
No mesmo documento é avançada uma explicação para a grande procura pela UP. "António de Sousa Pereira [reitor] sublinha como fatores relevantes para atrair bons estudantes de todo o país 'a interação permanente e estrutural' dos cursos e dos centros de investigação da UP com o tecido industrial nacional e estrangeiro e com instituições da sociedade civil."

194,5

valores É a média de entrada do último colocado na licenciatura em Engenharia Aeroespacial da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

1655

estudantes É o número de beneficiários de escalão A da Ação Social Escolar colocados na 1.ª fase, dos quais 1178 através deste contingente prioritário.

84

vagas É o maior número de vagas sobrantes num curso para a segunda fase de candidatura: Engenharia em Energias Renováveis, no Politécnico de Bragança.

(194,5 valores), que encabeça a lista, estão também as licenciaturas em Engenharia Aeroespacial na Universidade do Minho, que no ano passado apresentava a média mais elevada e este ano surge no segundo lugar (191,4 valores), na Universidade de Lisboa (5.º lugar, com 187,3) e na Universidade de Aveiro (10.º lugar, com 183,8). Entre os 10 cursos com média mais alta encontram-se também outro de Engenharia na Universidade do Porto: Engenharia e Gestão Industrial, em 6.º lugar, com média de 186,3.

De resto, a Universidade do Porto é predominante nesta lista, com seis cursos em 10. Além das Engenharias, tem ainda no *top* 10 dois cursos de Medicina – os mestrados integrados do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (8.º lugar, com 185,5) e da Faculdade de Medicina (9.º lugar, com 184,8) – e os cursos de Inteligência Artificial e Ciência de Dados (4.º lugar, com 187,5) e de Arquitetura (7.º lugar, com 186,0). Só a Universidade de Lisboa consegue também repetir o seu nome neste *top*, acrescentando-lhe a licenciatura em Matemática Aplicada à Economia e à Gestão (terceira média mais alta, com 189,0).

A Universidade de Lisboa é a que absorve mais candidatos nesta primeira fase, com 7369 alunos admitidos, seguindo-se a Universidade do Porto, com 4718, e a Universidade de Coimbra, com 3352.

Mais aspirantes a médicos e professores

A DGES salienta o aumento no número de estudantes colocados tanto em cursos de Educação Básica como de Medicina, duas áreas de atividade onde o setor público se debate atualmente com dificuldades para atrair profissionais.

Assim, as licenciaturas em Educação Básica viram aumentar em 8% os alunos admitidos face ao ano anterior, "com 997 estudantes colocados nesta fase, e ocupando 100% das vagas disponibilizadas". Nos últimos três anos, acrescenta a DGES, "o número de colocados em licenciaturas em Educação Básica aumentou 56,3%, o que demonstra o crescente interesse dos estudantes por estas formações".

Já em cursos de Medicina "foram colocados 1661 estudantes, o que representa o maior número de sempre", registando-se "mais 66 colocados face ao ano passado em resultado do acréscimo de vagas sobrantes dos concursos especiais de ingresso em Medicina para licenciados".

30 cursos sem interessados

Na cauda da lista, os cursos com piores médias de entrada do último colocado nesta primeira fase foram as licenciaturas em Gestão de Empresas (regime pós-laboral), no Instituto Politécnico de Beja, em Educação Social, no Instituto Politécnico de Bragança, em Administração Pública, no Instituto Politécnico de Castelo Branco, e em Farmácia, no Instituto Politécnico da Guarda, todos com 95 valores.

Sem qualquer candidato ficaram 30 dos cursos disponibilizados na primeira fase do CNAES, a grande maioria nos politécnicos e em zonas do interior do país. A instituição com mais cursos sem alunos colocados é o Instituto Politécnico de Bragança, com nove.

A DGES assinala que "o número de colocados em instituições localizadas em regiões com menor procura e menor pressão demográfica diminuiu 2% (12.868 estudantes colocados)", apesar de diversas instituições do interior até terem "aumentado o número de colocados face ao ano anterior, casos das Universidades dos Açores, do Algarve, da Beira Interior e da Madeira e dos Politécnicos de Beja, Portalegre, Viana do Castelo e Viseu.

Vagas para a segunda fase

O Instituto Politécnico de Bragança é a instituição que apresenta uma maior quebra de colocados face à primeira fase de candidatura do ano letivo anterior, com menos 14,3%, e é também neste Politécnico do Nordeste Transmontano que sobram mais vagas disponíveis para a segunda fase de acesso: 975. No Politécnico de Viseu há 416, no da Guarda 338 e no de Castelo Branco sobram 318. Mas também ainda há algumas vagas disponíveis nas universidades mais procuradas, como Lisboa (117), Coimbra (112), Porto (72), Minho (36) e Aveiro (34).

As matrículas dos estudantes agora colocados realizam-se entre 26 e 29 de agosto. De 26 de agosto a 4 de setembro decorrerá a apresentação da candidatura à segunda fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior público de 2024.

rui.frias@dn.pt

Trabalhores estrangeiros têm sido "imprescindíveis" na agricultura e pescas

MÃO DE OBRA Na agricultura, 40% dos trabalhadores são estrangeiros. Nas pescas, os asiáticos salvam o setor.

A Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) defendeu que o setor agrícola tem uma "falta crónica de trabalhadores", sendo que a contratação de estrangeiros, que representam 40% da mão de obra, é "imprescindível". "O setor agrícola enfrenta uma falta crónica de trabalhadores, pelo que a contratação de estrangeiros é imprescindível para o normal funcionamento da agricultura portuguesa", afirma o secretário-geral da CAP, Luís Mira.

A agricultura tem perto de 50 mil trabalhadores por conta de outrem, sendo que a população estrangeira representa cerca de 40% do total, segundo as estimativas da confederação, em consonância com os dados do *Boletim Económico* do Banco de Portugal (BdP).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao segundo trimestre, na agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca a remuneração-base média foi de 810 euros, ou seja, abaixo do salário mínimo nacional.

Também no setor das pescas a mão de obra estrangeira tem-se mostrado igualmente essencial. Armadores e sindicatos concordam que a presença de imigrantes, a maioria indonésios, veio salvar o setor, devido à falta de mão de obra nacional disponível. "Se não fosse esta solução da Indonésia e dos estrangeiros trabalharem na pesca, o setor tinha paralisado", afirma o presidente da Associação Nacional das Organizações de Produtores da Pesca do Cerco (Anopcerco), Humberto Jorge.

Este mês, o governo passou de 20% para 40% o limite de estrangeiros certificados permitidos em cada embarcação, respondendo aos pedidos dos operadores desta área económica. "A medida faz todo o sentido e para nós peca por tardia", mas "não vai demorar muito até que ela [a meta de 40%] tenha que ser novamente alterada", porque "há uma escassez de mão de obra muito grande, não só no setor da pesca mas na maior parte dos setores primários", observa.

A pesca é uma "atividade muito específica, que obriga a formação profissional, que também é difícil e demorada, e, portanto, a importação de mão de obra estrangeira qualificada, como é o caso dos indonésios, foi a solução que se encontrou" para resolver o problema, explica o dirigente.

DN/LUSA



MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Imigrantes indonésios têm papel fundamental no setor da pesca.

Um oásis mourisco no centro de Lisboa

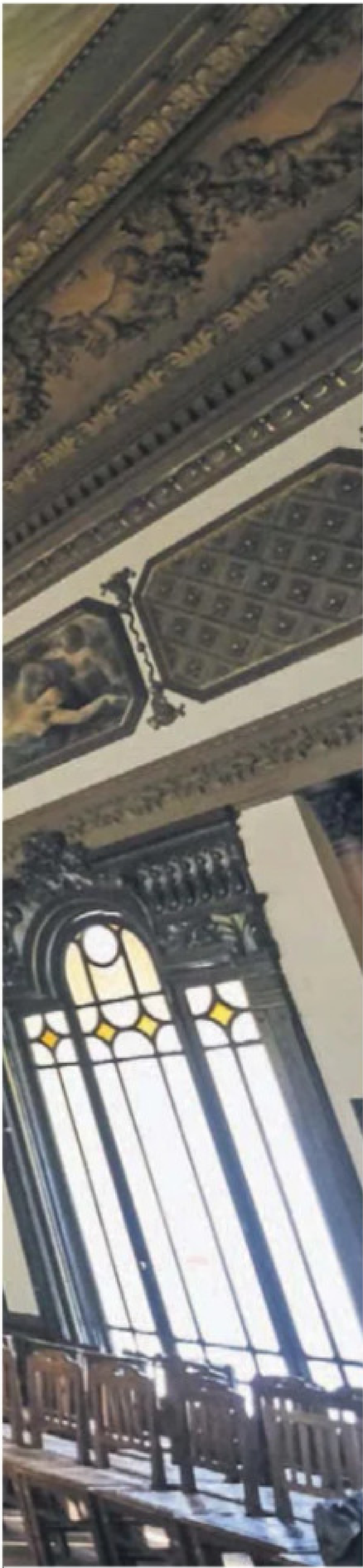
FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO/ GLOBAL IMAGENS**

No meio da azáfama da capital portuguesa, esconde-se um tesouro que transporta os visitantes para a serenidade e a rica cultura alentejana: a Casa do Alentejo. Este palácio mourisco do século XVII, outrora conhecido como Palácio Alverca, é hoje um centro cultural e gastronómico que celebra a alma desta região.





















Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Paulo Gonçalves Marcos

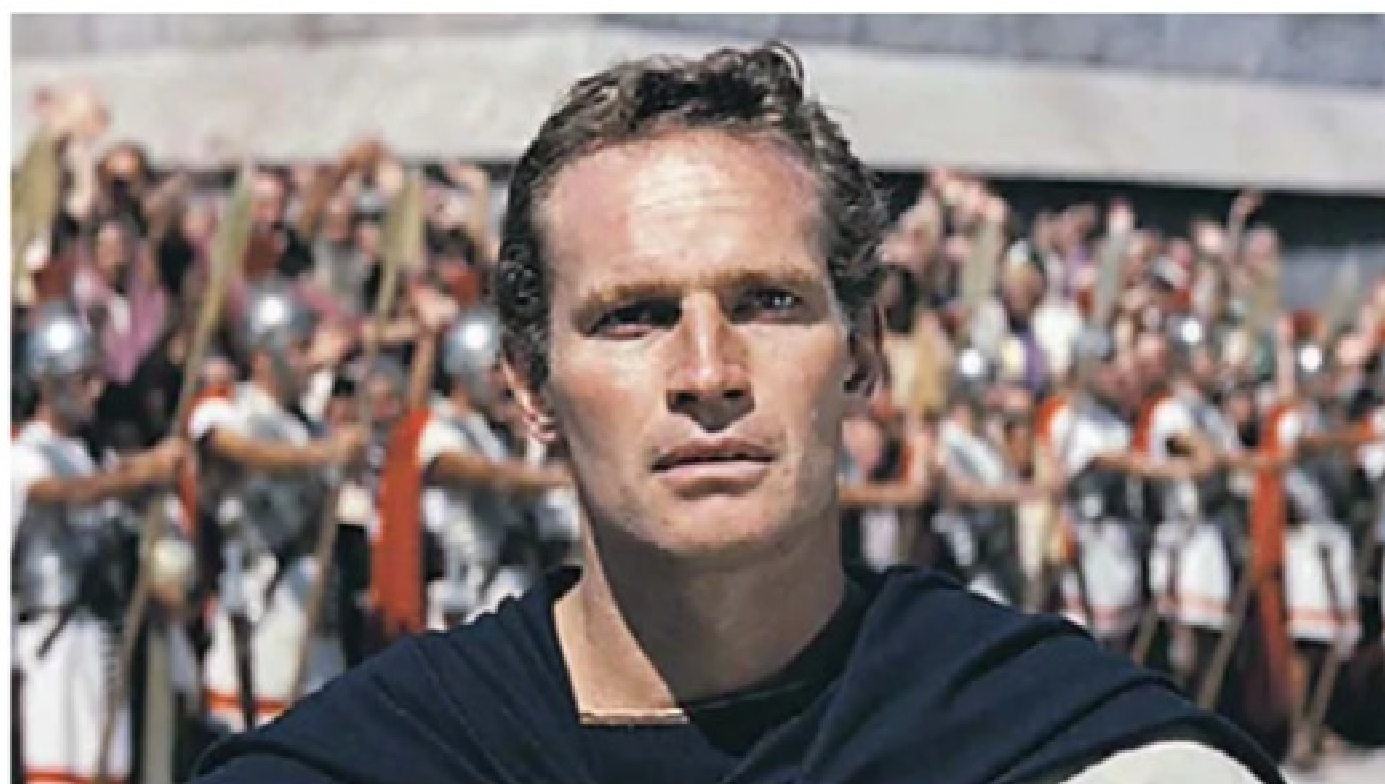
Presidente da direção do SNQTB - Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários

"Se pudesse, perguntaria à serpente do Jardim do Éden que espécie de maçã era aquela"

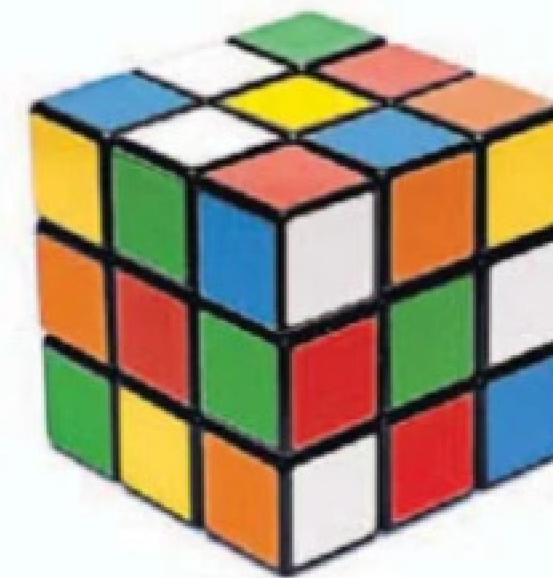
Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
O poder da empatia. Tornaria o mundo muito melhor. E com muito mais compaixão. E menos mágoa.
Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Série: *Roma*. Filme: *Gandhi*.
Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Sandes de gafanhoto.
Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Para 1141 e para o Recontro de Valdevez entre as hostes de Afonso Henriques contra seu primo homónimo, sétimo de Leão e Castela. O momento decisivo da afirmação da independência de Portugal.
Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Lucky Luke. O *cowboy* solitário que em todas as suas aventuras enfrenta, com coragem, a injustiça e o crime.
Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Sendo um verdadeiro "pé de chumbo", não precisa de ser nada muito complexo…
Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Jesus Cristo.
Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Ain't Nobody, de Chaka Khan.
Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Ben-Hur. No lugar de Charlton Heston na corrida das quadrigas. A coragem, a tenacidade, a convicção e a nobreza de sentimentos.


DIREITOS RESERVADOS

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um peluche do Sporting, sendo eu um ferrenho benfiquista!
Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Um falcão. *Citius*, *altius* e talvez *fortius*.
Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
A aletria feita pela D. Germana!



Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
O 25 de Novembro. Sem vencedores, nem vencidos. Como foco na redescoberta da democracia, da tolerância e da inclusão.
Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Fazer o cubo mágico de Rubik. Dar toques numa bola de futebol, sem a deixar cair.



Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Mikhail Baryshnikov, bailarino e coreógrafo. Francisco (*Panchito*) Velázquez, hoquista. O primado da técnica, a paixão e a entrega à profissão. Artistas de fina craveira.
Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Portugal está a convergir ou a crescer mais rápido que a União Europeia!
Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
A serpente do Jardim do Éden e que espécie de maçã era aquela!
Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Um certo jeito para marcar livres diretos no futebol.
Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
O vermelho, das camisolas do Benfica. Símbolo maior de comunidade e comunhão entre gerações.
Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Amo-te. Precisa de explicação?
Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Duas coisas. A cura do cancro. O elixir da juventude.
Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Uma garrafa de uma água francesa, com gás injetado, processo esse que deixava benzina e ademais substâncias cancerígenas. E pagar por isto três ou quatro vezes mais que por uma Água da Pedras.
Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Flocos de cereais e aveia com leite magro.
Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Os jogos de futebol na rua, nas férias do verão, até anoitecer.
Se fosse um meme, qual seria?
Qualquer um, oriundo da criatividade do "Insónias em Carvão".
Qual seria o título da sua autobiografia?
Confesso que vivi, parafraseando Pablo Neruda.
Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Cristiano Ronaldo, o superatleta.
Qual é o seu trocadilho ou piada favorito?
Onde é que os micróbios fazem *surf*? No micro-ondas.
Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Com o dom da invisibilidade lia três livros de seguida, sem ninguém me interromper
Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Aprendi a fazer um belíssimo risoto de camarão.



JONATHAN NACKSTRAND/AFP

A Comissão Europeia estabeleceu o objetivo da reutilização anual de 10 milhões de toneladas de polímeros reciclados entre 2025 e 2030.

Líder portuguesa da certificação dá força à reciclagem de plásticos

INDÚSTRIA A Certif está apta a apoiar as empresas portuguesas na reutilização de polímeros e contribuir para uma economia mais sustentável. Aposta arranca no próximo mês.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

A Certif, líder nacional na certificação de produtos, prepara-se para estender a sua ação à reciclagem de plásticos já a partir de setembro. A associação irá validar a percentagem de plástico reciclado que é incorporado em novos materiais ou, em termos mais técnicos, a validação do teor de reciclado. Como revela Francisco Barroca, diretor-geral da Certif, "o que faremos é auditar e confirmar os cálculos do fabricante e avaliar como controlam a receção e o tratamento do plástico a incorporar".

Esta aposta é uma resposta da Certif ao interesse manifestado pelas empresas portuguesas em obter certificados de nível europeu que validem a percentagem de plástico reciclado. Segundo Francisco Barroca, esta nova certificação "tem um grande impacto em Espanha, porque há benefícios fiscais em termos de redução das taxas aplicáveis". Para isso, a empresa obteve qualificação pela Polycert Europa para o reconhecimento das suas certificações relativas ao teor do reciclado. A Polycert é um organismo que valida certificações e garante a sua validade no espaço europeu. "Os certificados da Certif ostentarão igualmente o logo da Polycert e serão mais facilmente reconhecidos nos mercados de destino", frisa.

Num trabalho conjunto com a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e com a Associação Portuguesa da Indústria de Plásticos, a Certif estabeleceu os critérios (a especificação técnica) para avaliar a integração de plástico reciclado em produtos a disponibilizar ao mercado. Como reforça o responsável, a certificação da valorização do plástico está "pronta para entrar no terreno com garantia de uma entidade independente". Com esta nova atividade, a organização vai apoiar as empresas no uso de materiais circulares. Recorde-se que a Comissão Europeia estabeleceu o objetivo da reutilização anual de 10 milhões de toneladas de polímeros reciclados entre 2025 e 2030.



"A Certif tem uma equipa interna de 20 trabalhadores fixos e conta com o apoio de perto de 60 auditores externos e de mais de 20 laboratórios nacionais."

Francisco Barroca
Diretor-geral da Certif

Neste campo da economia circular, a associação portuguesa para a certificação foi também reconhecida recentemente com o OCS – European Certification Scheme, que visa o controlo do desperdício de *pellets* de plástico perdidos para o ambiente. O programa internacional OCS – Operation Clean Sweep tem como objetivo a contenção e o controlo que previnam a perda de *pellets* manuseados na produção, armazenamento, transporte e utilização, evitando que estes cheguem aos ambientes terrestre e aquático e garantindo a sua utilização enquanto recurso. A meta é a perda zero para o ambiente. E está já apta a avaliar o sistema implementado pelo fabricante, de forma a impedir o envio deste material para a natureza.

A crescer em Angola

A atividade da certificação da associação portuguesa não está limitada ao território nacional, tem clientes em mais de 20 países e este ano já ganhou novos serviços em Angola e no Chipre. Segundo Francisco Barroca, neste país do Mediterrâneo é atualmente "o maior organismo notificado", ou seja, reconhecido para avaliar a conformidade de produtos da construção antes da sua entrada no mercado e conceder a marcação CE. Já em Angola, ganhou este ano mais dois clientes, também da área da construção.

Aliás, é na certificação de produtos que a Certif tem o seu *core business* e a liderança nacional. Está habilitada a avaliar mais de 200 produtos do setor da construção, onde se destaca a norma CE, o que lhe garante quase 80% da sua faturação global, e 70 produtos da área elétrica. Como realça Francisco Barroca, "é aqui que está a nossa força e o que nos distingue do mercado". A organização certifica ainda sistemas de gestão.

A associação sem fins lucrativos, constituída por 27 associados, entre associações empresariais e laboratórios, deverá encerrar o ano com um crescimento da ordem dos 5% na faturação, somando perto de 2,5 milhões de euros. Os clientes internacionais deverão pesar 35% nas vendas. Estes dados permitem concluir a relevância que as empresas dão à certificação dos seus produtos e serviços, nomeadamente para incrementar as exportações.

Francisco Barroca reconhece que a certificação é um passaporte para o exterior, embora muitas das vezes invisível e inquantificável. Mas, exemplifica, a Certif já validou aço de uma empresa da Tailândia, requisito exigido para exportar para Angola. "Pedem certificação portuguesa", frisa. E o mesmo sucede com fabricantes em Angola que querem vender para outros países de África. As empresas do setor elétrico português são também muito ativas na procura de certificados europeus e internacionais.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt



Autoridades à procura de pistas para encontrar o autor do ataque.

INA FASSBENDER / AFP

Estado Islâmico reivindica ataque à faca que matou três pessoas na Alemanha

SOLINGEN Autoridades alemãs não excluíam tratar-se de terrorismo, apesar de os crimes com armas brancas estarem a aumentar no país. No início do mês, governo de Scholz prometeu mudar a legislação.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O Estado Islâmico reivindicou ontem o ataque com arma branca num festival em Solingen, na Alemanha, que deixou três mortos e oito feridos na sexta-feira à noite. Segundo um comunicado divulgado pela agência de notícias Amaq, o ataque foi uma ação de "vingança pelos muçulmanos na Palestina e em todo o lado". A polícia alemã deteve ontem à noite um homem num centro de refugiados na cidade, sem esclarecer se era ou não o suspeito do ataque, horas depois de prender um jovem de 15 anos que alegadamente sabia do plano e nada fez.

"O brutal ataque realizado durante o festival da cidade de Solingen transtornou-nos profundamente", escreveu a ministra do Interior alemã, a social-democrata Nancy Faeser, no X, dizendo que as autoridades estavam a fazer tudo "para deter o autor do ataque e determinar as suas motivações". O chanceler alemão, Olaf Scholz, escreveu na mesma rede social: "O autor do crime deve ser capturado rapidamente e punido com todo o rigor da lei."

O suspeito matou três pessoas (dois homens de 56 e 67 anos e uma mulher de 56) e feriu outras oito, quatro delas com gravidade, no Festival da Diversidade (um dos eventos para assinalar os 650 anos de Solingen). Desde o início que as autoridades não excluíam que o motivo fosse terrorismo, apesar do aumento dos crimes com facas no país.

"Não conseguimos identificar um motivo por enquanto, mas tendo em conta todas as circunstâncias, estamos a trabalhar sob a suspeita inicial de que um motivo terrorista não pode ser excluído", disse o procurador de Düsseldorf, Markus Caspers. O atacante terá visado os pescoços das vítimas, "perfeitos desconhecidos que não tinham ligação conhecida entre elas". Várias facas foram encontradas no local e a polícia estavam a ver se alguma delas ou várias foram usadas.

O jovem que foi detido terá sido visto a discutir com o alegado suspeito. Ontem ainda não era claro se o autor do ataque seria o detido no centro de refugiados. A polícia só revelou ter feito uma operação no local e realizado uma detenção, sem dar mais pormenores ou revelar a ligação ao ataque. Segundo o comunicado do Estado Islâmico, o seu "soldado" visou um "encontro cristão" para "vingar os muçulmanos".

Crimes com facas aumentam

Segundo as estatísticas, em 2023 houve 8951 ataques com facas que causaram ferimentos graves, o que representou um aumento de 9,7% em relação a 2022. A Polícia Federal, responsável pela vigilância nos aeroportos e principais estações ferroviárias da Alemanha, registou também um aumento significativo de ataques com armas brancas em redor destes últimos locais, contabilizando 430 só nos primeiros seis meses deste ano, segundo dados citados pela Deutsche Welle.

Estes números levaram a ministra do Interior a prometer, no início do mês, alterar a legislação de forma a que apenas lâminas de seis centímetros possam ser carregadas em público, em vez dos atuais 12 centímetros. Uma exceção seria feita para facas de cozinha na embalagem original, sendo que os canivetes seriam totalmente proibidos.

"Facas são usadas para cometer atos brutais de violência que podem causar ferimentos graves ou morte", disse Faeser há duas semanas. "Precisamos de leis de armas mais duras e controlos mais rigorosos." Mas os especialistas põem em causa os números, alegando que só começaram a ser recolhidos desde 2021 e que incluem ataques ou ameaças com facas, além de que questionam a validade de proibir o porte deste tipo de armas, já que isso não irá travar quem estiver a pensar cometer o crime.

Um dos casos mais graves de ataques com faca este ano ocorreu em maio, num evento da extrema-direita em Mannheim. Um polícia morreu e cinco pessoas ficaram feridas no ataque, travado quando as autoridades dispararam contra o atacante, um refugiado afegão, que sobreviveu. Em julho, uma das co-líderes do partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD), Alice Weidel, alegou que tinha havido "mais de 15 mil" ataques com facas em 2023, acusando jovens imigrantes de serem os principais responsáveis. A AfD está em campanha para as três eleições regionais do próximo mês: Turíngia, Saxónia e Brandemburgo.

susana.f.salvador@dn.pt

Caça ao homem que incendiou sinagoga

A polícia francesa estava ontem atrás de um homem que, com a bandeira palestiniana à cintura e um *keffiyeh* na cabeça, terá tentado incendiar uma sinagoga no sul de França e causado a explosão de dois carros. Um polícia ficou ferido. A polícia está a investigar o caso como um ataque terrorista. "Evitámos por pouco uma tragédia absoluta", disse o primeiro-ministro francês, Gabriel Attal, que visitou o local com o ministro do Interior, Gérald Darmanin. "Se a sinagoga estivesse cheia de fiéis, teria havido provavelmente vítimas humanas", acrescentou. A segurança em torno dos locais religiosos foi aumentada após o ataque no resort de La Grande Motte, perto de Montpellier. "A luta contra o antissemitismo é uma luta diária", indicou no X o presidente francês, Emmanuel Macron.



JACK GUEZ / AFP

Netanyahu rasga acordo num cartaz no protesto de famílias de reféns.

Hamas tem enviados no Cairo, mas recusa participar nas negociações para uma trégua

GUERRA Líder da oposição desafia Netanyahu a ir pessoalmente à capital egípcia para "fechar um acordo".

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O Hamas enviou ontem uma delegação para o Cairo, mas sem intenções de participar nas negociações para uma trégua na Faixa de Gaza e a libertação dos reféns. "A delegação vai reunir-se com responsáveis dos serviços secretos egípcios para ser informada sobre a evolução da ronda de negociações", disse um responsável do Hamas. "Mas isso não significa que participará das negociações", acrescentou à AFP, sob anonimato.

Os EUA, o Egito e o Qatar estão há meses a tentar chegar a um acordo que possa acabar com a guerra no enclave palestiniano, desencadeada pelo ataque terrorista de 7 de outubro do Hamas contra Israel. A Casa Branca acredita que houve progresso na última ronda de negociações, na quinta-feira, contudo a presença de tropas israelitas na fronteira entre a Faixa de Gaza e o Egito – o chamado corredor Filadélfia – parece ser o principal obstáculo.

Segundo a Reuters, a insistência do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, de manter tropas no corredor Filadélfia estará a causar divisões inclusivamente com os seus negociadores. Uma fonte disse à agência que Netanyahu terá aceitado alterar uma das posições militares no corredor em apenas algumas centenas de metros, mantendo o controlo total da zona. Isto apesar da pressão dos membros da sua equipa para que cedesse. Na última semana, a televisão israelita disse que Netanyahu tem criticado a equipa de negociadores, chefiada pelo líder da Mossad, David Barnea, pela abertura de fazer cedências.

"Isto não é o corredor Filadélfia, é o *spin* de Filadélfia", disse a mãe do refém Matan Zangauker na conferência de imprensa semanal no exterior do quartel-general de Kirya, em Telavive. Einav Zangauker acusa o primeiro-ministro de estar a usar esta questão como desculpa, para não avançar para o acordo, pedindo ao presidente norte-americano, Joe Biden, que o pressione. "Netanyahu está sistematicamente a frustrar o acordo. Não acredite em Netanyahu. Ele mentirá novamente e vai enganá-lo. Ele vai dizer-lhe que fará uma coisa e depois correrá para fazer o contrário", avisou Einav.

O líder da oposição israelita, Yair Lapid, discursou ontem no protesto das famílias dos reféns, em Telavive, exigindo a Netanyahu que vá pessoalmente ao Cairo para "fechar um acordo". Numa entrevista ao *The Times of Israel*, publicada ontem, Lapid acusou o primeiro-ministro de "paralisar o acordo" para "manter a coligação" e continuar no poder.

susana.f.salvador@dn.pt

Mélenchon sugere um governo sem a LFI

O fundador do partido de esquerda radical França Insubmissa (LFI), Jean Luc Mélenchon, sugeriu ontem a ideia de se formar um governo de esquerda, mas sem ministros do seu partido, para contornar o veto das outras formações políticas.

Em declarações à televisão TF1, o ex-candidato presidencial perguntou aos líderes dos três partidos do bloco *macronista* e da direita conservadora se "se comprometeriam a não votar uma moção de censura" de um governo de esquerda "sem nenhum ministro da LFI" e se o deixavam implementar o seu programa.

"Se responderem não, podemos dizer que os ministros da LFI são simplesmente um pretexto, pois é o programa que não querem" ver implementado, acrescentou Mélenchon. A Nova Frente Popular (NFP), que inclui a LFI, tem o maior bloco na Assembleia Nacional, mas não tem a maioria. A aliança de esquerda propõe o nome da funcionária de carreira Lucie Castets para primeira-ministra.

Nas consultas que o presidente francês, Emmanuel Macron, está a fazer aos partidos, o bloco liderado pelo ainda chefe de governo, Gabriel Attal, e o líder do grupo da Direita Republicana, Laurent Wauquiez, disseram que iriam apoiar uma moção de censura a qualquer governo que incluísse ministros da LFI.

"Aguardamos, agora, a resposta de todos aqueles que pensaram ter encontrado uma forma de rejeitar o NFP em bloco" no governo, disse o líder socialista Olivier Faure numa mensagem no X. **DN/LUSA**



Análise
Germano Almeida

União, alegria e disciplina na mensagem

O Partido Democrata é uma grande tenda e tem tido, em diversas fases da sua história, uma grande dificuldade em fazer a ponte entre o centro moderado e institucional (de onde costumam partir os seus candidatos presidenciais vencedores: Bill Clinton, Barack Obama, Joe Biden) e a ala esquerda e mais radicalmente progressista (Bernie Sanders, Elizabeth Warren, Ocasio-Cortez).

Essa dificuldade aumentou com o agravar do tom *woke* de algumas correntes esquerdistas, que em temas como a Palestina ou os direitos das minorias sexuais têm tentado fazer o contraponto à força do polo radical e extremista no Partido Republicano.

Nas últimas três décadas, só dois líderes democratas conseguiram, verdadeiramente, fazer a pacificação dessas duas geografias políticas dentro do Partido Democrata: Bill Clinton nos anos 90 e Barack Obama entre o final da primeira década deste século e o início da segunda.

Hillary Clinton terá perdido a eleição de 2016 precisamente por ter falhado a construção dessa ponte entre o centro e a esquerda. Os 45% de Bernie Sanders sinalizaram a quebra de quase metade do partido – e, apesar do posterior apoio de Sanders a Hillary para a eleição geral, terá havido uns 10% a 15% de votantes de Bernie nas primárias que não votaram Hillary em novembro de 2016.

A consequência faz parte da História: a eleição-choque de Donald Trump. A Convenção de Chicago, que dominou as atenções da eleição presidencial norte-americana na última semana, foi totalmente pensada para que 2024 não seja uma repetição de 2016.

União em torno de Kamala

Kamala Harris recebeu o endosso de todo o partido.

Foi, literalmente, uma Convenção em estado de graça. Há um mês, a perceção geral era a de que seria uma grande confusão, com forte risco de divisões internas e contestação quanto a quem sairia nomeada.

Não foi nada disso que aconteceu.

Kamala tem o Partido Democrata na mão e capitalizou isso. Se a Convenção Republicana foi toda sobre Donald Trump, a Democrata mostrou uma diversidade de trunfos e várias estrelas que coexistem (três ex-presidentes, uma ex-candidata presidencial, três primeiras-damas, uma ex-*speaker*, vários governadores presidenciáveis).

Joe Biden fez, em jeito de despedida e passagem de testemunho, o caso pela defesa da democracia, apontando Kamala como a candidata ideal neste momento histórico para travar o regresso de Donald Trump. "Ela será a presidente de que todos se orgulharão. Será a presidente para quem as nossas crianças podem olhar. Respeitada pelos líderes mundiais, porque ela já uma líder mundial. E será a presidente que vai pôr um selo na América do futuro."

Três palavras-chave dominaram toda a Convenção: Democracia, Liberdade e Alegria.

Em primeiro lugar, a defesa da Democracia: todos em Chicago apontaram esse como o grande desígnio. Biden passou a tocha a Kamala nessa defesa, necessidade de travar o regresso de Trump. Bill Clinton foi mais longe: "Temos de ser duros." E Tim Walz: "Vocês têm todo o tempo do mundo para dormir quando estiverem mortos. Agora é para trabalhar!"

Depois, a Liberdade. Tim Walz fez a definição: "Quando os republicanos usam a palavra 'liberdade', eles querem dizer 'liberdade para o governo invadir o consultório do vosso médico'. Empresas livres para poluir o vosso ar e água e bancos com carta verde para explorar os seus clientes. Mas quando nós, democratas, falamos de Liberdade, falamos da liberdade para tornar melhor a vossa vida e a daqueles que amam. Liberdade para tomarem as vossas próprias decisões quanto à vossa saúde e liberdade para os vossos filhos irem para a escola sem se preocuparem em serem mortos a tiro nos corredores."

E também a Alegria: os democratas reforçaram a mensagem que têm um caminho alegre e solar para a América, em contraponto com a "carnificina americana" de Trump e Vance. Não deixa de ser algum descolar da "busca pela alma da América", de Biden 2020, que implicava sempre alguma dor e sacrifício.

A candidata apresenta-se à América

Harris apresentou-se à América no momento da aceitação. Tentou ligar-se aos indecisos. Falou muito da mãe, que a criou como mulher divorciada, imigrante e investigadora e que incitou as filhas a sonharem alto.

Kamala passou com boa nota nesse seu primeiro grande exame a nível nacional. Fez um bom discurso, bem construído na forma e a destacar os pontos fortes que levaram a campanha Kamala a passar para a frente da corrida em menos de mês. Entregou a mensagem com lisura e sem falhas, ainda que sem grande capacidade de arrebatamento de multidões (os discursos dos Obama e partes do discurso Walz foram mais entusiasmantes). Barack Obama, no X, fez o resumo: "Ela mostrou o que sempre soube: que está preparada desde o Dia 1 para ser presidente."

A candidata democrata exortou: "Vamos escrever um novo capítulo, uma nova via para seguir em frente ('A New Way Forward')." Kamala escolheu estar do lado da mudança, não tanto da herança Biden. Posicionou-se como candidata do futuro, colocando Trump no passado, no risco de se voltar atrás. É, em parte, uma estratégia parecida com a reeleição Obama 2012, contra Romney. Kamala apresenta-se mais como *challenger*, colocando Trump quase como incumbente; tenta fazer desta eleição um referendo a Trump e não a Biden.

Num claro intuito de afastar receios de ser demasiado à esquerda, Kamala posicionou-se como a candidata da classe média. "É de onde eu venho." Voltou a falar numa economia de oportunidades. Avisou que Trump se prepara para cortar impostos aos amigos bilionários e propõe-se a cortar, ela, os impostos aos 100 milhões de americanos com menos rendimentos. Quis mostrar que está na tradição de centro-esquerda de anteriores candidatos presidenciais democratas e não demasiado à esquerda.

O primeiro grande aplauso que conseguiu arrancar foi quando prometeu, a propósito do 6 de janeiro de 2021: "Não vamos voltar atrás." Teve um segundo grande aplauso quando falou do aborto. "Vários direitos fundamentais estarão em risco com Trump, como o acesso ao voto." Houve um terceiro grande aplauso quando acusou Trump de ser amigo de ditadores e gostar de ser um, exortando: "Na luta determinante entre liberdade e tirania eu sei onde estou e onde os EUA estarão."

Sobre Israel e Gaza, conseguiu ultrapassar uma difícil quadratura do círculo: deixou claro que manterá via Biden de cessar-fogo, libertação de reféns e defesa da segurança de Israel, mas lembrou os 10 meses de destruição de Gaza e falou no direito à autodeterminação da Palestina.

Quanto vale Kennedy?

A candidatura de Robert Kennedy Jr. esteve sempre envolta em contradições. Filho de um herói progressista do Partido Democrata, enveredou por uma agenda conspirativa, por vezes até lunática, baseada em desinformação e dados pouco fundamentados. O reconhecimento do nome de família levou-o a começar a concorrer pelos democratas, mas a incapacidade de se afirmar nas primárias de um partido que cedo mostrou estar apenas disposto a selar a nomeação de um segundo mandato Biden fez com que começasse uma candidatura independente. A impopularidade de Biden e Trump permitiu que tivesse caminho para passar dos 10%, roubando metade aos democratas e a outra metade aos republicanos. Mas quando emergiu Kamala, o balão de Kennedy esvaziou. Desde a Convenção Republicana que Trump tem vindo a cortejar Kennedy, com vista a uma possível desistência. Os problemas de financiamento da campanha Kennedy aceleraram o que já parecia inevitável: Kennedy apoia Trump.

Especialista em política internacional.

emprego



Recrutamento de quadros para a AMT

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

necrologia




MARIA TERESA DA SILVA BERNARDO GONÇALVES OLIVEIRA RAMOS

Prof. Catedrática

A família participa que será celebrada missa em sufrágio da sua alma, dia 26 de agosto de 2024, pelas 19 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, dia em que faria 89 anos, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignarem participar nesta eucaristia.

Paz à sua Alma.









O remate acrobático de Galeno que deu vantagem ao FC Porto logo aos 18 segundos de jogo.

IVAN DEL VAL

ESTÁDIO DO DRAGÃO (PORTO)
ÁRBITRO IANCU VASILICA (VILA REAL)

FC PORTO	RIO AVE
2	0
DIOGO COSTA	JHONATAN
MARTIM FERNANDES (68')	PATRICK WILLIAM
ZÉ PEDRO	ADERLLAN SANTOS
OTÁVIO	RENATO PANTALON
GALENO (89')	AMINE (84')
ALAN VARELA	JOÃO NOVAIS (45'+3')
VASCO SOUSA (77')	JOÃO TOMÉ (37')
NICO GONZÁLEZ	VROUSAI
PEPÊ (68')	KIKO (37')
IVÁN JAIME (77')	TIAGO MORAIS (37')
DANNY NAMASO	CLAYTON
TREINADOR	TREINADOR
VÍTOR BRUNO	VÍTOR BRUNO
SUBSTITUIÇÕES	SUBSTITUIÇÕES
WENDELL (68')	JOÃO GRAÇA (37')
JOÃO MÁRIO (68')	OLINHO (37')
GONÇALO BORGES (77')	FÁBIO RONALDO (37')
GRUJIC (77')	PANZO (45'+3')
FRAN NAVARRO (89')	VÍTOR GOMES (84')

GOLOS: GALENO (1'), NICO GONZALEZ (30').
CARTÕES AMARELOS: PATRICK WILLIAMS (22' E 43')

CARTÕES VERMELHOS: PATRICK WILLIAMS (43')

Dragão ganha mais poder de fogo, mas já mostra um bafo muito quente

I LIGA Com avançados a chegar, FC Porto continua a ganhar e bateu o Rio Ave (2-0) com golos de Galeno (aos 18 segundos!) e Nico González. Segue-se o Sporting no próximo sábado...

TEXTO **RUI BAIONETA**

Enquanto chegam avançados – os dragões apresentaram dois jovens com tremendo potencial para o ataque, casos do espanhol Samu Omorodion e do sueco Deniz Gul, ambos de 20 anos –, sinal de que a equipa está a ganhar mais poder de fogo, a verdade é que os dragões já mostram um bafo muito quente, como pôde voltar a ver-se diante do Rio Ave. Com os vilacondenses, a equipa de Vítor Bruno deu, no fundo, continuidade às boas exibições e resultados vitoriosos desde que começou a temporada (soma por vitórias os quatro jogos oficiais que disputou...). Além disso, continua a dar oportunidades a jovens da formação carregados de talento (e ainda há outros quase prontos para serem lançados...), que estão perfeitamente identificados com as ideias do treinador, enquanto ganham rotinas com os mais experientes – Pepê é um deles e voltou a ser titular, enquanto Wendell entrou ao minuto 68, para o lugar de Martim Fernandes, e somou os primeiros minutos.

O jogo não podia começar da melhor maneira para os dragões, que fizeram o 1-0... aos 18 segundos – Iván Jaime cruzou da direita e Galeno disparou de primeira, com classe, assinando o golo mais rápido até este momento no Estádio do Dragão. E pouco depois foi Jhonatan quem, com grandes defesas, evitou o 2-0, primeiro a remate de Namaso (7'), depois a tiro de Iván Jaime (11'), e ainda a remates de Martim Fernandes (15) e Vasco Sousa (25) – pelo meio, aos 24, o guarda-redes vilacondense defendeu, com segurança, novo remate de Iván Jaime, na marcação de um livre direto. O adversário portista não era fácil, já se sabia, mas o golo madrugador serenou, de alguma forma, a equipa de Vítor Bruno, que trocava a bola de pé para pé em busca das melhores soluções e dominava o jogo de forma absoluta, obrigando Jhonatan a trabalhos forçados.

O 2-0 acabou por chegar com toda a naturalidade, ao minuto 30, por Nico González, com um remate colocado – Galeno galgou metros, serviu Iván Jaime, que assistiu o compatriota espanhol.

Continuava só a dar FC Porto e Luís Freire não perdeu tempo, operando três alterações logo ao minuto 37: saíram Kiko Bondoso, João Tomé e Tiago Morais, que não estavam a cumprir do ponto de vista defensivo, e entraram Fábio Ronaldo, Olinho e João Graça.

O técnico agiu... Patrick William estragou: seis minutos depois do técnico tentar fazer qualquer coisa para mexer com o jogo e com a sua equipa, o central viu o segundo amarelo e deixou o Rio Ave a jogar com dez. Definitivamente, nada corria bem aos vilacondenses, que, em 90 minutos, criaram uma única ocasião de golo (76'), mas Vrousai foi infeliz na finalização.

Um momento raríssimo, pois o sentido único do jogo registado da primeira parte manteve-se na segunda, a bola rondou a baliza de Jhonatan com perigo várias vezes (grandes defesas ao minuto 58, a remate de Pepê, 76 e 84, ambas a tiros de Galeno), mas fica a ideia de que, com o jogo controlado, os dragões foram baixando ligeiramente a intensidade e gerindo o esforço, quiçá a pensar na deslocação a Alvalade no sábado.

Uma palavra, ainda assim, para o Rio Ave. O jogo não correu bem, mas deve registar-se o facto de Luís Freire ainda ter tentado ir atrás do resultado, acabando por ver a sua ambição limitada pela expulsão de Patrick William. Certo é que, nestas três primeiras jornadas, os vilacondenses já visitaram Alvalade (1.ª) e Dragão (3.ª). Perderam os dois jogos, é factual, mas fica evidente que o técnico português está a preparar uma equipa para realizar um campeonato tranquilo – chegaram muitos jogadores e construir uma equipa leva tempo. Com o FC Porto não teve qualquer hipótese, mas o futuro pode ser risonho.

Chegam Gül e Omorodion, parte Conceição

A contratação Deniz Gül foi ontem confirmada pelo FC Porto, à CMVM, tendo assinado por cinco temporadas, até junho de 2029. Os dragões investiram, para já, 4,5 milhões de euros fixos pelo passe do avançado sueco, de 20 anos, que alinhava no Hammarby. Deniz Gül junta-se ao espanhol Omorodion (avançado, 20 anos, ex-Atlético de Madrid), anunciado na sexta-feira, na lista de reforços para a equipa de Vítor Bruno. De saída do clube está Francisco Conceição, sendo ontem noticiado que foi alcançado um acordo com a Juventus para um empréstimo por uma temporada, sem opção de compra, por sete milhões de euros.



Festa portuguesa no Uzbequistão. Teresa Portela e Messias Baptista são campeões mundiais.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE CANOAGEM

Dupla Portela e Messias arrebata ouro mundial em K2 500 metros misto

CANOAGEM Portugal soma primeira medalha nos Mundiais de velocidade e consegue ir às finais de todas as provas em que participa.

Teresa Portela e Messias Baptista resgataram ontem a primeira medalha para Portugal nos Mundiais de canoagem de velocidade, em que a comitiva lusa fez o pleno de finais das provas em que participa em Samarcanda, no Uzbequistão.

Depois de na sexta-feira se terem apurado diretamente para a final, ao serem os mais rápidos da sua série de qualificação, Portela e Baptista melhoraram o seu desempenho em quase um segundo em relação à véspera e sagraram-se campeões mundiais, com 1.37,592 minutos.

A dupla lusa, que no início do mês participou nos Jogos Olímpicos Paris 2024 – Teresa Portela foi 10.ª em K1 500, enquanto Messias Baptista foi sexto em K2 500, com João Ribeiro –, deixou para trás a dupla bielorrussa, em segundo, e a checa, em terceiro.

Volha Khudzenka e Dzmitry Natynchyk arrecadaram a prata, em 01.37,603 minutos, cabendo a Anezka Paloudova e ao campeão olímpico de K1 1000 Josef Dostal o último lugar do pódio, com 01.38,340.

Um ano depois de ter vencido o ouro em K2 500, com João Ribeiro, nos Mundiais de Duiburgo, na Alemanha, Messias Baptista somou novo 'metal' na competição, agora em parceria com Teresa Portela. De resto, o canoísta luso aproveitou o 'embalo' da vitória para logo de seguida garantir a presença na final masculina de K1 200 metros, para a qual se qualificavam os três mais rápidos de cada uma das três séries das meias-finais. Baptista alcançou o tempo mais rápido da sua série, em 35.865 segundos.

> Canoístas portugueses, entre eles Fernando Pimenta, participam hoje em mais cinco finais dos Mundiais de velocidade.

No arranque do dia, o K4 500 misto, composto por Fernando Pimenta, Messias Baptista, Teresa Portela e Francisca Laia, também 'carimbou' o apuramento direto para a final, após vencer a primeira série de qualificação, com 01.28,125 minutos.

Portugal garantiu, assim, presença em todas as finais das provas em que está a participar no Uzbequistão. Além da vitória em K2 500 misto, a comitiva portuguesa terá cinco finais para disputar hoje: Fernando Pimenta em K1 500 masculino, Teresa Portela e Francisca Laia em K2 200 feminino, Messias Baptista em K1 200 masculino, Fernando Pimenta, Messias Baptista, Teresa Portela e Francisca Laia em K4 500 misto e Fernando Pimenta em K1 5000 masculino.

Os Mundiais de canoagem de velocidade terminam hoje em Samarcanda, no Uzbequistão.

DN/LUSA


GLYN KIRK / AFP

Manchester United cai nos descontos

O Brighton venceu ontem o Manchester United (que contou com Bruno Fernandes e Diogo Dalot no onze) por 2-1, na segunda jornada da Premier League. O golo decisivo dos *seagulls* foi apontado aos 90'+5' por João Pedro.



JORGE GUERRERO / AFP

Vuelta. Roglic vence oitava etapa

O ciclista esloveno Primoz Roglic (BORA-hansgrohe) venceu ontem a 8.ª etapa da Volta a Espanha, estando agora a apenas 3.49 minutos do líder da prova, Ben O'Connor (Decathlon AG2R). O português João Almeida (UAE Emirates) deu um tombo na classificação, passando do 3.º para o 26.º lugar.

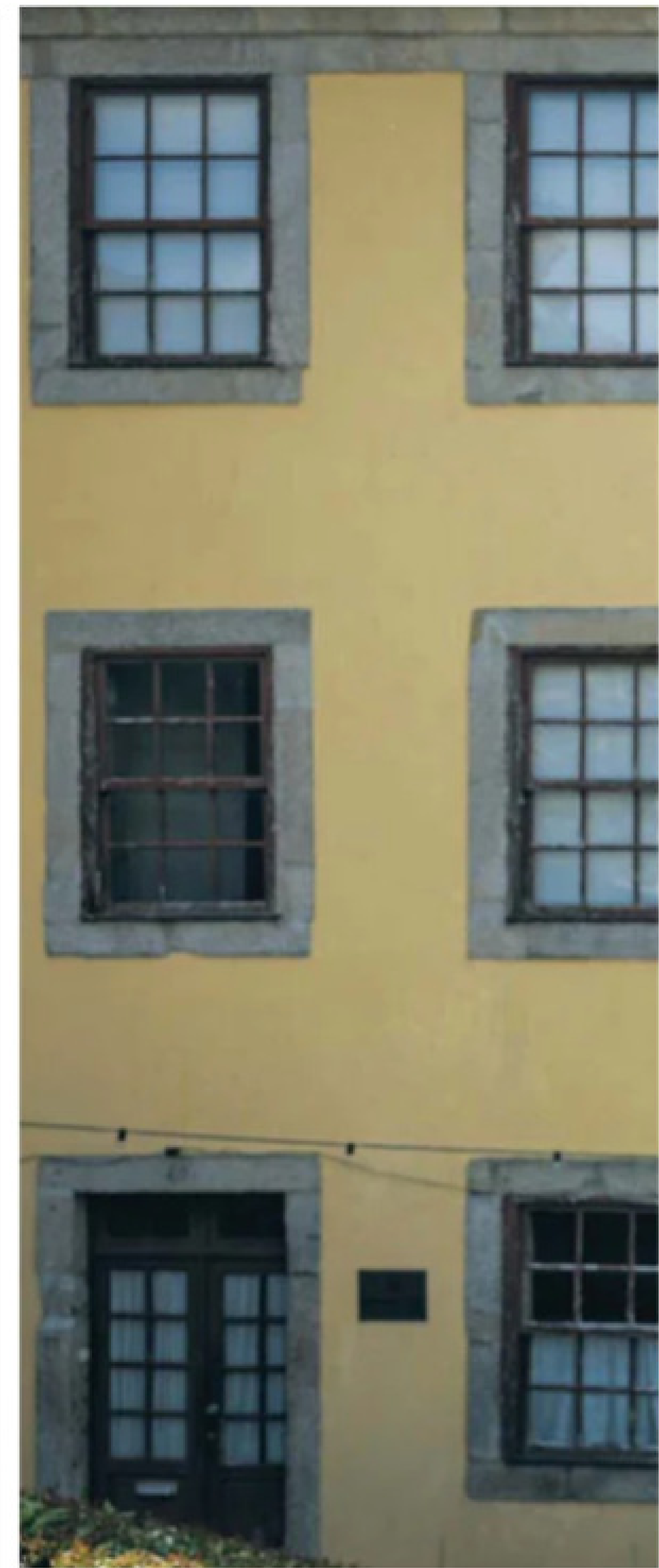

JOHN THYS / AFP

Norris parte à frente de Verstappen

O britânico Lando Norris (McLaren) conquistou ontem a 4.ª *pole position* da carreira, 3.ª da época, ao ser o mais rápido na qualificação para o GP dos Países Baixos de Fórmula 1 (15.ª prova do Mundial). Max Verstappen (Red Bull) e Oscar Piastri (McLaren) partem em 2.º e 3.º lugares da grelha.

Rui Couceiro
"Até há muito pouco tempo, a Sé do Porto era a verdadeira Cidade Invicta"

LIVRO Depois de *Baiôa sem Data para Morrer*, Rui Couceiro volta a publicar um romance, e este seu *Morro da Pena Ventosa* (Porto Editora) é uma muito bem conseguida homenagem a um certo Porto que mantém a alma, celebra a chegada dos turistas, mas teme o impacto da gentrificação.



ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTO **LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS**

O que me surpreendeu um pouco neste livro foi o facto de o narrador ser uma mulher, Beta, que vive com uma avó. É difícil?
Eu gosto de me perigar, de me pôr fora de pé, e obriguei-me aqui a fazer diferente. Não queria cair na mesma voz do livro anterior, queria que este livro fosse suficientemente parecido com o anterior para ser meu, mas suficientemente diferente para ser outro. Houve, portanto, uma série de opções narrativas que fiz para conseguir alcançar essa diferença e uma delas foi a de escolher a voz de uma mulher. Isso também foi entusiasmante para mim, porque é difícil, e eu gosto do que é difícil.

A Beta é guia turística. Atribuiu-lhe essa profissão porque permitia falar do Porto?
É uma estratégia narrativa que permitia ao autor cumprir a sua intenção, uma das suas intenções, melhor dizendo. Uma das intenções era justamente poder abordar esta questão da gentrificação, do turismo de massas, e uma outra coisa que também me interessava fazer, a par disso, que era mostrar uma parte da história e do património da cidade.

Há um momento muito interessante que é quando Beta explica como é que consegue cativar os turistas que a seguem. Vai aos sítios que conhece, que são típicos, onde se pode comer as coisas autênticas, sem aquelas comissões que muitas vezes deturpam tudo. Quem estiver a ler o livro está a ter pistas para sítios onde ir no Porto?
Claramente. Escolhi aqueles lugares porque acredito realmente que são sítios que podem ainda mostrar a gastronomia autêntica e tradicional da cidade. Eu não quis mostrar os restaurantes que vêm hoje nos guias turísticos e que são os mais óbvios, porque têm a cozinha mais *fancy*.

Quem lê pode acreditar? Pode ir?
Pode ir lá porque são sítios até que eu frequento. Há aqui uma dimensão de fidelidade histórica no sentido dos locais que se podem visitar e fidelidade a estes pontos de interesse gastronómico que fazem do livro, em certa medida, também quase um guia. As pessoas podem seguir as recomendações do livro, embora elas estejam misturadas com a ficção.

Em relação à Sé, que é central em todo o livro, sente que está a fazer uma descrição quase sociológica do que é o bairro, ou ele já não é bem aquilo?
Acho que o livro procura, de alguma forma, que o leitor problematize o facto de esta Sé ser um espaço em transformação. Até há muito pouco tempo, a Sé do Porto era a verdadeira Cidade Invicta, aquele Porto dentro da Cerca Velha é que era a Cidade Invicta. A cidade nasceu ali e foi ali que durante mais anos se manteve inviolada e inviolável. A ponto de muita gente ali, ainda há muito poucos anos e, se calhar, ainda nos dias de hoje, viver como se vivia na Idade Média, sem casa de banho, por exemplo. Por isso é que no livro aparece uma personagem que não tem casa de banho em casa, e é assim no livro porque é assim na realidade.

"Chega a ser até divertido ver grupos de turistas chineses ou ingleses a invadirem as ruas e, ao mesmo tempo, as senhoras que foram ao pão ou que estão cá fora a assar sardinhas e febras ou a estender a roupa no meio da rua."

É o bairro da Sé que é original e capaz de refletir o Porto autêntico, mas há uma pobreza que também transparece muito na obra, não só por essa ausência de condições nas casas, mas pelas dificuldades das pessoas...
Claro que sim. De facto, este Porto manteve-se assim perto da Idade Média durante muito tempo, mas nos últimos anos, em 5, 10, 15, 20 anos, as coisas alteraram-se profundamente. Portanto, aquela cidade autêntica, digamos assim, que existia hoje em dia já não existe. As pessoas que moravam ali já lá não moram ou estão a deixar de morar. Assim, aquele bastião último da identidade tripeira está a deixar de existir, com tudo o que isso tem de bom e de mau.

A questão da gentrificação também transparece muito no livro, está a acontecer a várias zonas do Porto, mas na Sé é muito evidente. A gentrificação ali já está completada ou ainda não?
Não, claramente que não está. Coexistem as duas realidades e chega a ser até caricato e divertido ver grupos de turistas chineses, ou franceses, ou ingleses a invadirem as ruas e, ao mesmo tempo, as senhoras que foram ao pão ou que estão cá fora a assar sardinhas e febras ou a estender a roupa no meio da rua, com os turistas a passarem por entre a roupa estendida, porque as ruas são muito estreitas... É muito engraçado ver isto, é um contraste muito grande entre o Porto de ontem e o Porto de amanhã. O livro procura justamente pôr em contraposição estas duas realidades e a Beta é uma espécie de porta-voz dessas contradições quando diz: "A mesma cidade que me dá o pão tira-me a casa", porque a obriga a sair daquela casa que foi a única que ela conheceu e que vai ser transformada num alojamento local ou num apartamento de um prédio mais moderno que não está acessível a todos os bolsos.

Esse é o outro lado da gentrificação, porque as pessoas muitas vezes elogiam a recuperação das casas, o ficar mais bonito...
Ela própria diz isso!

... mas também há o outro lado da vida das pessoas que têm de ir viver para longe e sair do seu meio.
Ela vai morar para os arrabaldes. Ela diz: "É extraordinário, a minha cidade e o meu bairro estão mais bonitos, a minha freguesia está mais bonita, está mais cuidada, não é suja, é menos perigosa, mas, ao mesmo tempo, não me permite que eu more cá." Ela vive nesse constante dilema entre o que agrada à vista e o que lhe prejudica a carteira e a própria vida.

Fala-se muito agora na questão do excesso de turismo em Lisboa, mas no Porto também acontece?
É a mesma coisa. Por isso é que este é um dos temas centrais do livro.

Sente que as pessoas, por um lado, olham para a oportunidade de negócio, de emprego, que o turismo traz, mas, por outro, também acham que está a tirar autenticidade ao Porto?
Sinto que as pessoas apreciam, por um lado, o facto de este turismo de massas ter trazido vida e movimento económico à cidade, mas também sentem uma preocupação grande por ele estar a descaracterizá-la e por poder colocar em perigo a própria identidade e a cultura da cidade. Se os portuenses saem de lá e a cidade é ocupada por outras pessoas, é evidente que a cidade dos dias de amanhã não



será a mesma, será outra. É evidente que as pessoas que moram no Porto estão preocupadas com isso. Isto é um tema, porque é um tema universal, a mim não me interessava só o Porto em particular. Nós vimos agora os turistas a serem maltratados em Barcelona, a serem expulsos de outras cidades, assistimos às medidas restritivas numa série de outras cidades europeias, portanto este é um tema de dimensão global.

Aquilo que não é global, que é muito do Porto, é o falar das pessoas, nomeadamente todas aquelas expressões populares que nós identificamos e associamos ao Norte, se calhar mesmo ao Porto. Isso é algo que conhece do seu dia a dia desde criança ou teve de fazer alguma pesquisa?

Não, conheço isto muito bem, não precisei de pesquisar rigorosamente nada. Houve duas ou três expressões que apanhei em alguns livros e que usei aqui. Por exemplo, há uma a que acho muita piada, que é "frita lêndeas", que é um insulto que eu não conhecia. Apanhei a expressão completamente por acaso num livro, mas a generalidade deste linguajar é-me muito familiar e eu próprio utilizo muitas destas palavras em contexto mais informal, mas utilizo muito e gosto.

Há alguma que utilize e que seja citável no jornal?

Tantas! Por exemplo, "morcão" utilizo todos os dias, sai-me sempre quando estou no trânsito frente a alguém que está a fazer asneiras, a primeira palavra que me sai é "morcão".

É muito ofensivo ou já é quase...

O "morcão" pode ser carinhoso, eu posso dizer a um amigo: "Ó meu grande morcão!" Tal como no Porto, entre amigos somos capazes de nos chamar por "boi" ou dizer "Ó meu grande cabrão". e isso pode ser carinhoso e amistoso. É evidente que o contexto define o peso das palavras.

Achei muito interessante no livro a referência a Germano Silva. Germano é um veterano do *JN*, um jornalista que se afirmou muito como o homem que mais conhece o Porto. Fez questão desta homenagem a Germano porque também foi beber muita informação aos livros dele?

Eu sou um grande admirador do Germano Silva, um homem quase centenário, apesar de parecer muitas décadas mais jovem, pois tem uma energia extraordinária, uma vitalidade invejável. Tenho uma grande admiração por ele e, num primeiro nível, por conta do seu percurso de vida. A forma como ele se fez jornalista é absolutamente extraordinária. Quem não conhecer a história do Germano deve procurar e perceber de que forma é que aquele homem que não tinha nada que ver com jornalismo, que vinha de Recezinhos, em Penafiel, se torna jornalista. Essa história é extraordinária, a forma como ele depois se forma, aprendendo com os mestres, e o modo como ele chega ao trabalho jornalístico e de crónica em torno da cidade do Porto, apaixonando-se em absoluto por essa história e fazendo disso o centro da sua vida. Tendo isso acontecido, ele tornou-se o principal divulgador da história da cidade do Porto, um cronista popular capaz de chegar às massas através da imprensa e capaz de ensinar às pessoas e de cultivar o gosto que as pessoas têm pela própria cidade. A paixão que muita gente sente pela cidade do Porto tem sido cultivada ao longo das últimas décadas através da leitura das crónicas e dos livros do Germano Silva. O mesmo aconteceu comigo, que devorei todos os livros dele, não propriamente para escrever este livro, mas à medida que eles foram saindo. Ao longo dos últimos anos fui lendo os livros do Germano e apanhando uma série de histórias que ficaram dentro de mim e que eu muitas vezes cito em conversa com os amigos, e que, depois, muito facilmente vieram desaguar a este livro, porque é o tipo de história que também me interessa. O Porto é uma cidade muitíssimo literária. Há um poema extraordinário de um poeta lisboeta que, no meu entender, é dos mais bonitos sobre a cidade do Porto. O Nuno Júdice diz: "Shakespeare podia ter vivido aqui." Acho que ele diz isso muito bem, porque o Porto tem essa alma funda e profética de que a Agustina falava e que é muitíssimo literária.

Escreve sobre o Porto, é muito a sua vivência, há estas leituras do Germano, mas, se tivesse que pensar, há alguém como escritor que o influenciou? Quando escreve sente que há alguém que lhe serve de modelo?

Há muitos escritores que admiro e aprecio e cujas características sei que desaguam nas coisas que eu faço. Não de forma totalmente evidente, mas que eu identifico. Vou dizer alguns nomes: Laurence Sterne, claramente; aquele trio do Vargas Llosa, Carlos Fuentes, García Márquez; Juan Rulfo também, se calhar, mas talvez mais os outros três; Calvino, Saramago, Miguel Esteves Cardoso, que tem uma grande influência sobre as coisas que faço.

Nenhum propriamente do Porto...

Entre os autores do Porto há muitos que aprecio, mas acho que não foi aí que fui buscar o meu estilo.

Há alguma dificuldade especial em ser editor e ser escritor?

Não. Acho que para mim é uma vantagem, no sentido em que o meio não me é estranho. Conheço o meio e tudo o que acontece a um autor. Não fico frustrado se as vendas não forem boas, não fico deslumbrado se as críticas forem positivas, porque já passei por isso tudo enquanto editor. Portanto, não há novidade em nada disso para mim, o que também tira, às vezes, uma certa emoção à coisa. Estou preparado para tudo o que vai acontecer porque já me aconteceu como editor, mas o autor e o editor não se atrapalham. O autor não permite que o editor entre na sua oficina de escrita, mas o autor também não tem nada a ver com o trabalho do editor.

Quem não o conhece e o lê vê que a gentrificação é uma preocupação , mas há outra preocupação que também está patente no livro, que é a das alterações climáticas. Isso aparece no livro como coisa importante da sua vida ou faz apenas parte da narrativa?

Estamos a falar de dois temas que me são caros. Não sou um ativista contra o turismo nem contra a gentrificação, são temas que me preocupam enquanto cidadão e enquanto munícipe do Porto, e também não sou um ecologista. Sinto, como escritor, que tenho a obrigação de mostrar o meu tempo, é isso que quero fazer. Se daqui a uns anos olharem para trás, para os meus livros, e disserem "este tipo retratou o tempo em que viveu", é isso que quero que aconteça. Acho que é impossível fazê-lo sem mostrar quais são os problemas prementes, e eu puxo para a minha literatura aqueles que são mais importantes para mim. Por isso é que no primeiro livro falava da desertificação do interior, do abandono a que são votados os mais velhos, são tudo temas que me são muito caros. Portanto, eles acabam sempre por desaguar na minha literatura, acompanhando os temas clássicos da literatura de sempre. Aqui também está presente o tema da perda, o tema do amor, que também já estavam no livro anterior. Há uma mistura entre os temas clássicos e os temas contemporâneos, sendo que estes são aqueles que me dizem mais e me preocupam mais. Choca-me bastante o negacionismo das alterações climáticas. Não acho que o rio Douro vá desaparecer, mas aquilo serve como metáfora de coisas que, às vezes, são absolutamente evidentes e que parece que nós não queremos ver.



MORRO DA PENA VENTOSA
Rui Couceiro
Porto Editora
382 páginas
19,99 euros

PROVA DE VIDA*

NARCISO E VALENTIM



VÍTOR HIGGS/DN

Por razões que se ignoram, mas por certo razoáveis, a certa altura das nossas existências passámos a falar em dinossáurios, quando antes dizíamos dinossauros. A questão, todavia, permanece intrincada e divisiva, já que, garante-nos o Ciberdúvidas, "F. V. Peixoto e J. Neves Henriques divergem". Alguns etimologistas distintos, como o professor Rebelo Gonçalves, omitem até, e de todo, a palavra "dinossáurios", considerada por muitos um hibridismo escusado entre o grego *deinos* e o latino *saurios* e, como tal, extremamente desaconselhável.

Pela mesma época em que os dinossáurios entraram nos dicionários, alvores do novo milénio, foi aprovada uma lei da República que tratava deles em dois artiguinhos: no primeiro, estipulou-se que os nossos presidentes autárquicos, das câmaras e das freguesias, só poderiam ser eleitos para três mandatos consecutivos e o segundo artigo determinava que a dita legislação entraria em vigor no dia 1 de Janeiro do ano 2006.

Por via da lei fatídica, foram exterminadas várias dezenas de bichos, alguns deles bem históricos, ou até mesmo pré-históricos. Das espécies extintas, sobressaem Narciso e Valentim, com o primeiro a perfazer 29 anos à frente dos destinos da edilidade matosinhense e o segundo com duas décadas de labor em prol dos povos de Gondomar. Foi, de resto, com o *slogan* cardíaco "Valentim Loureiro Gondomar no Coração" que este último se tentou apresentar ao voto no sufrágio de 2013, recorrendo para o efeito a uma manobra putinesca: impedido que estava de se candidatar novamente à câmara, abalançou-se à presidência da assembleia municipal. O Tribunal Constitucional não autorizou a candidatura, mas nem isso dissuadiu Valentim de insistir na política: em 2017, voltou à carga, tendo ficado então num triste terceiro lugar, com 19,9% dos votos.

Já Narciso, de seu lado, foi candidato a Matosinhos nas autárquicas de 2009, à frente da associação "Narciso Miranda – Matosinhos Sempre", para ser derrotado sem glória, com 30,7% dos votos, pelo socialista Guilherme Pinto, que tragicamente faleceu em funções, muito novo. Não contente com o desaire, averbou nova derrota, desta feita em 2017, contra a socialista Luísa Salgueiro, sua antiga vereadora e actual presidente da Associação Nacional dos Municípios, a qual, segundo ele, "repôs o rumo certo de fazer política em Matosinhos." Narciso, aliás, não tem deixado de realçar que Luísa foi sua protegida e pupila: "abro as portas e as pessoas fazem o seu caminho. Quando dizem que aqui em Matosinhos tudo é produto do Narciso Miranda, respondo: não estou arrependido de nada do que fiz. A Luísa começou como vereadora comigo, sem ser do PS, foi deputada por proposta minha e depois fez as suas opções. E bem."

Um e outro terminaram as suas carreiras como independentes, não sendo esse o único traço que os irmana. Quem percorrer as notícias de antanho, encontrá-los-á lado a lado, corria o ano de 2006, numa auditoria do Tribunal de Contas à empresa Metro do Porto, com aquele tribunal a considerar que, por serem administradores não-executivos, Narciso e Valentim não deveriam ter direito a cartão de crédito para despesas, mais a mais tão elevadas (*Público*, de 27/11/2006). Adiantaram também os jornais que, no âmbito do "Apito Dourado", Narciso foi chamado à justiça, uma vez que o Ministério Público suspeitava de alegadas contrapartidas dadas por Valentim, como presidente da Metro do Porto, a alguns empresários ligados à construção civil (*DN*, de 23/3/2005). Enquanto isso, o Governo decidiu limitar os gastos da comissão executiva da empresa à gestão corrente, uma vez que, segundo uma auditoria da Inspecção-Geral de Finanças, avalizada por despacho de dois ministros (Teixeira dos Santos e Mário Lino), os custos da 1.ª fase do projecto já ultrapassavam 129% do inicialmente previsto. Narciso defendeu-se, falando em "mais obra realizada", e Valentim disse não estar nada preocupado com a situação. Em 2008, ambos saíram da administração da Metro do Porto, com Valentim a transitar para a presidência da respectiva assembleia geral.

Vemo-los juntos, de igual sorte, na longevidade do mando, décadas e décadas à frente dos respectivos concelhos, sempre ao serviço do povo. E também no facto de ambos terem entrado em colisão com as direcções nacionais dos seus partidos, ou vice-versa. Em 2005, Valentim Loureiro, também conhecido como "o Major", foi detido no âmbito do "Apito Dourado" e o PSD, tendo-o apoiado inicialmente ("no momento difícil em que o major Valentim Loureiro e alguns outros militantes do PSD são chamados perante a Justiça, não esquecemos a consideração e solidariedade pessoal que nos merecem estes companheiros de partido", afirmou Pedro Duarte, porta-voz laranja), acabou por retirar-lhe a confiança política, no tempo da liderança de Marques Mendes, que o major mimoseou com uma chuva grossa de impropérios ("líder menor", "pequeno ditador", *inter allia*), acusando-o ainda, e entre o mais, de ser um "pedinchão" e de ter tentado meter um familiar seu a funcionário da Liga de Clubes, de não ter pago multas de trânsito e, por isso, estar envolvido no "processo dos soldados da GNR", de ter "uma casa em Oeiras para onde foram materiais de construção que foram debitados a uma Santa Casa da Misericórdia de Gaia e a empresa que fez isso depois foi assaltada e a documentação desapareceu" e, enfim, também no domínio construtivo, de ter buracos no telhado ("ele não tem telhados de vidro, ele tem buracos, tem buracos no telhado": *Público*, de 19/11/2005).

Candidato independente nas autárquicas de 2005, Valentim ganhou com 57,53% dos votos, depois foi condenado e perdeu o mandato, em 2008, mas a Relação absolveu-o e voltou a candidatar-se – e a ganhar – nas autárquicas de 2009, desta feita com 42,75% dos votos. Ou seja, e apesar de o seu nome estar envolvido no "Apito Dourado", o povo de Gondomar entendeu elegê-lo – e por duas vezes consecutivas, em 2005 e em 2009. De permeio, em 2008, foi arquivado, por falta de provas, o inquérito-crime ao ataque sofrido pelo socialista Ricardo Bexiga, vereador em Gondomar e seu rival político, agredido com uma moca de madeira por dois encapuzados, em 25 de Janeiro de 2005, quando saía do seu escritório em direcção ao parque de estacionamento da Alfândega do Porto (mais tarde, em 11/4/2018, o *Jornal Económico* noticiaria que o dito escritório de Bexiga, entretanto eleito deputado, facturou 322 mil euros em ajustes directos de autarquias do PS).

Em 2011, seria a vez de Narciso Miranda ser corrido do seu partido, após decisão de Sócrates, que o visado qualificou como "kafkiana, para não dizer estalinista". Recorreu, esbracejou. Porém, o Tri-

bunal Constitucional não lhe deu razão e Narciso lamentou-se, pesaroso, em declarações bem comprometedoras para os seus camaradas socialistas: "devo ser o único quadro do PS com alguma visibilidade que recusou tachos que ao mais alto nível me ofereceram" (*DN*, de 7/4/2011).

Sendo um da rosa, outro laranja, Narciso e Valentim partilham outra afinidade, esta bem mais sombria: foram ambos condenados pela justiça, sem apelo nem agravo. O primeiro, em 2015, numa pena (suspensa) de dois anos e dez meses de prisão, por abuso de confiança qualificada e falsificação de documentos; o segundo, em 2008, a três anos e dois meses de prisão, com pena suspensa, pelo crime de prevaricação e por 25 crimes de abuso de poder, como cúmplice.

Não era a primeira vez que Narciso e Valentim se viram a braços com a justiça: Valentim começou primeiro, diz-se que como pilha-batatas, já que, segundo parece, terá estado implicado – melhor dito, alegadamente implicado – num célebre caso de compra de tubérculos quando era responsável pelo Depósito Avançado de Víveres n.º 823, em São Salvador, Angola, e, nessa qualidade, adjudicava o fornecimento de batatas a um comerciante, Manuel Cabral, por quatro escudos o quilo, 50 centavos mais do que o preço real. A tramóia valeu-lhe o epíteto, algo saboroso, de "Capitão Batata" (depois promovido a "Major Batata"), e ter-lhe-á permitido arrecadar uma fortuna de 260 contos, não o poupando, contudo, a um inquérito, que o levou a ser demitido do Exército em 1967 (em 1980, foi reintegrado com a patente de major, na condição de passar à reserva).

Antes disso, tivera outro processo, arquivado por falta de provas, por exigir facturas falsas aos comerciantes de Angola e fora citado num outro, por via de um auto de averiguações que culminou no "Caso dos Camionistas", envolvendo exclusivos de adjudicação de serviços com grave prejuízo para o Estado, a crer no que nos conta Felícia Cabrita numa extensa e arrasadora reportagem sobre a vida do major no *Expresso*, de 6/7/1996, peça que Valentim contestou, prometendo acção na justiça, da qual não existe rasto.

Mais tarde, já em democracia, esteve envolvido no "Caso da Quinta do Ambrósio", relacionado com um imóvel sito em Fânzeres, comprado por um advogado fiscalista e amigo seu, Laureano Gonçalves, pela quantia de um milhão de euros, em 15 de Março de 2001, para, seis dias depois, ser retirado da Reserva Agrícola Nacional e prometido vender à Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, a qual, menos de um ano volvido, o adquiriu por quatro milhões de euros. Acusado de burla qualificada, o major confessou-se "magoadíssimo" e acabou absolvido, por falta de provas, pelo Tribunal de Gondomar, em Fevereiro de 2012, tendo Luís Oliveira, vice-presidente da autarquia, Jorge Loureiro, seu filho, e Laureano Gonçalves, o advogado fiscalista, sido condenados por branqueamento de capitais (*DN*, de 2/2/2012).

Em 2008, e como atrás se disse, foi condenado a três anos e dois meses de cadeia, por abuso de poder e prevaricação, com perda de mandato autárquico. À saída do tribunal, visivelmente irritado, Valentim considerou a sentença "absolutamente incrível", bradou que "os gondomarenses não têm nada que se envergonhar do seu presidente!" e prometeu recandidatar-se – e ganhar – nas próximas eleições autárquicas. E ganhou, é um facto.

Quanto a Narciso, foi indiciado por corrupção em 1997, por alegadamente ter aprovado empreendimentos imobiliários mediante a oferta de andares ou do valor equivalente em dinheiro (e, noutra ocasião, por entrega à câmara de Matosinhos de facturas de uma empresa de transportes rodoviários que levava manifestantes para comícios do PS), mas, após serem ouvidas mais de 60 testemunhas, o processo foi arquivado pelo Ministério Público, por falta de provas. Narciso diria mais tarde que foi "investigado três anos até às peúgas", devido a denúncias anónimas de um camarada socialista, invejoso da sua proximidade a Guterres e a Jorge Coelho.

Em 2011, seria acusado, juntamente com a sua filha, da prática de diversos crimes – simulação de crime, abuso de confiança, peculato e participação económica – enquanto presidente da Associação de Socorros Mútuos de São Mamede de Infesta, com o Ministério Público a sustentar, entre o mais, que Narciso simulara um furto apenas para ganhar um iPhone. Acabou absolvido. Mas em 2015, e como se disse, foi condenado por ter usado, em proveito próprio, 37.500 euros de uma subvenção estatal à sua candidatura independente à câmara matosinhense.



Das espécies extintas, sobressaem Narciso e Valentim, com o primeiro a perfazer 29 anos à frente dos destinos da edilidade matosinhense e o segundo com duas décadas de labor em prol dos povos de Gondomar.

Além de uma longa carreira política, Narciso e Valentim – ou, talvez melhor, Narciso & Valentim, Lda. – partilham ainda outra característica, a humildade das origens. Narciso Miranda, nome artístico de José Narciso Rodrigues de Miranda, nasceu em Barroselas, Viana do Castelo, em 30 de Julho de 1949, e, como o próprio afirma, com justificado orgulho, "os meus avós maternos e paternos eram agricultores e viviam da terra, leiras, vinho, azeite, tudo espalhado, andavam sempre de um lado para o outro. E tinham muitos filhos. Tudo o que era homem emigrou para o Brasil, só cá ficou um, o meu pai. A regra do meu avô era quem trabalhar na terra tem o que precisar, quem não a trabalhar que se desenrasque. O meu pai, para se libertar da terra, arranjou emprego na única empresa local, uma serração de madeiras, que faliu e ficou desempregado. Ele tinha um primo, de outro ramo da família, que vivia bem. No tempo do fascismo, eram três os 'Ricardo Salgado' lá do sítio". Aos 14 anos, quando andava no 8.º ano, já tinha dinheiro de bolso, graças às matemáticas: "era bom aluno a matemática e as pessoas pagavam-me o que queriam. Nas primeiras explicações, pagavam-me o café e a bola de Berlim, pois não tinha dinheiro para me sentar numa pastelaria. Levava sempre 25 tostões no bolso e tentava não os trocar." Depois, num percurso clássico, a madrinha do pai, que tinha um filho a trabalhar na Efacec, em Matosinhos, pediu emprego para o jovem Narciso, que começou de fato-macaco, como aprendiz de fresador. Estudava engenharia à noite, mas não chegou a acabar o curso. Chamado à tropa, esteve dois anos em Angola, regressou em Outubro de 1973, ciente de que o regime estava acabado.

Em novo, tivera a sua primeira experiência política, quando um ricaço de Barroselas lhe deu, e aos colegas, uma lata de tinta para pintarem na parede "Abaixo Salazar, Viva Humberto Delgado". O padre apanhou-os, e Narciso levou duas chapadas do pai, mas nem isso o demoveu da cidadania, ainda que não se conheçam outras actividades políticas nos tempos da ditadura. Após o 25 de Abril, navegou uns meses pela extrema-esquerda, namoriscando a OCMLP e a UDP, mas, em Dezembro desse ano, por via de "um tipo da Efacec que conhecia Mário Soares", inscreveu-se no PS. Era "mexido", diz, tanto que ajudou a arrombar a porta de um prédio abandonado em São Mamede, para instalação da sede dos socialistas. Aos poucos, começou a ganhar a confiança dos notáveis – António Macedo, José Luís Nunes, Cal Brandão – e Soares quis fazer dele figura de proa do sindicalismo, chegando a enviá-lo para a Alemanha, onde foi recebido na sede do Sindicato da Liga dos Metalúrgicos, em Frankfurt, para fazer um curso sobre o movimento sindical a expensas da Fundação Friedrich Ebert.

No final, agradeceu a Soares, mas disse ambicionar outros voos. Envolveu-se a fundo na preparação da iniciativa "A Europa Connosco", que Internacional Socialista promoveu no Coliseu do Porto, em 1975, com Olof Palme, e, nas autárquicas do ano seguinte, foi eleito vice-presidente da câmara de Matosinhos. Logo após a vitória, o novo presidente da edilidade, Mário Maia, chamou-o ao gabinete, aconselhou-o a comprar um fato ("Não achas que tens de vestir um fato? Agora tens funções, és um gajo importante"). Narciso dirigiu-se à Maconde, comprou dois, 900 escudos cada, "muito dinheiro". Apesar de se intrometer na indumentária, Maia dava-lhe carta branca na política, mandava-o às reuniões do partido ("vai o rapaz, meu vice-presidente, ele é que é político"), gesto que o narciso Narciso hoje nem agradece, dizendo que o seu antigo patrão "não percebia nada de política, de gestão era lento", e confessando, sem pudor nem pejo, "foi o que me safou" (*Expresso*, de 17/9/2021). Em 1979, foi ele o candidato, depois de António Macedo ter ido a Lisboa dizer a Soares que "tinha de ser o Narciso". E foi.

Valentim dos Santos de Loureiro, por sua vez, nasceu em Várzea de Calde, uma pequena aldeia nos arredores de Viseu, na véspera de Natal de 1938. Tal qual como Narciso, é oriundo de uma "família de camponeses", informa-nos a Infopédia, esclarecendo ainda que concluiu o Curso Geral de Comércio, na Escola Comercial e Industrial de Viseu, e o Instituto Comercial do Porto (mais tarde, já demitido do Exército, frequentou um ano a Faculdade de Direito de Coimbra). Entrevistado por Pedro Rolo Duarte ("Falatório", RTP, 9/3/1998), disse que viu de perto a pobreza agreste, ainda que não tivesse conhecido a miséria, pois o seu pai era um pequeno comerciante, pessoa remediada. Afirmou ainda que os pais não tinham condições para lhe pagar os estudos e para permitir que se convertesse num intelectual, igual a tantos outros que povoam a política, mas foi acrescentando que tinha "um curso superior", tirado na Escola do Exército, onde teve dificuldades na educação física, especialmente em "fazer a cambalhota", e foi camarada de Otelo e outros futuros conselheiros da Revolução, com destaque para Vítor Alves, que, em 1980, foi um aliado precioso no processo de reintegração no Exército.

Enquanto estudava na Escola do Exército, e na companhia do futuro estratega do 25 de Abril e doutros cadetes, chegou a almoçar no Palácio de Belém com Américo Thomaz, a convite deste, naquela que seria a sua primeira incursão na alta política. Durante a ditadura, nunca teve frémitos oposicionistas ("para mim as coisas eram o que eram, havia quem mandava, havia quem obedecia, havia ordem") e só despertou para a política em 1974. Ainda assim, garante, "vibrou com o 25 de Abril" e, logo em 1974, inscreveu-se no PPD de Sá Carneiro, diz que "por intuição", em parte seguindo o exemplo de um amigo, Arnaldo Trindade, na outra por

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

ser um partido "liderado por gente do Norte."

Se Narciso teve por padrinho António Macedo, Valentim foi protegido por Amândio de Azevedo ("sempre o considerei um militante muito empenhado", "ele actua de forma que não é exactamente o padrão, mas não tenho visto nada que ultrapassasse as fronteiras do condenável", afirmou Azevedo em 1996). Por volta de 1975, começou a desconfiar do PC e andou envolvido e financiou o MDLP de Spínola, ainda que, segundo Manuel Macedo, outro operacional do movimento, "ele aproveitou-se do MDLP apenas para fazer negócios."

Valentim afirma que conheceu e conviveu de perto com Sá Carneiro, a quem apresentou Nino Vieira, seu amigo, que o presenteava com charutos Monte Cristo enviados por Fidel Castro. Entre 1982 e 1992, foi cônsul da Guiné-Bissau na cidade do Porto, em 1993 conquistou a Câmara de Gondomar, apoiou Soares em 1986 e em 1991. "Nunca procurei lugares, as coisas acontecem-me naturalmente", confessou a Pedro Rolo Duarte, aditando: "tenho uma imagem pública de pessoa solidária, sobretudo com as classes mais pobres, pessoa que não é convencida, que se dá com toda a gente, de pessoa perfeitamente normal e com uma vida perfeitamente transparente."

No estilo de estar na política, são muitas afinidades entre Narciso e Valentim. Este confessava que "era um homem mais de fazer coisas do que de as pensar", que não tinha "tempo para ir ler o Marx ou isto ou aquilo" e que "muitas vezes, começo a ler um livro e sem querer o pensamento foge-me". Afirmava ainda não ter grandes pensadores que o tivessem influenciado, privilegiando as "pessoas do concreto" e tendo como referências Sá Carneiro, Mário Soares, Ramalho Eanes e Belmiro de Azevedo. Em campanha eleitoral, celebrizou-se por distribuir frigoríficos e televisores para seduzir os votantes, mas garante que nunca os deu a pessoas individuais, somente a instituições, designadamente a escolas (no seu tempo, as crianças da 4.ª classe eram presenteadas com uma viagem de avião a Lisboa). Narciso, de seu lado, era conhecido como "Senhor de Matosinhos" ("é carinho, é reconhecimento") e, nas várias ocasiões em que Mário Soares se deslocou ao concelho, para assistir à Festa dos Pescadores, os andores da procissão paravam e viravam-se os santos para a tribuna, em saudação ao chefe do Estado, rito que enfurecia os sacerdotes, mas que se repetia todos os anos ("o padre vinha ter comigo a dizer que aquilo não se podia fazer, mas eu não tinha culpa nenhuma"). Soares, outro traço comum: "Mário Soares, não sei porquê, gostava muito de mim", recorda Narciso, enquanto Valentim lembra que o apoiou nas duas candidaturas a Belém e que o conheceu desde os tempos de primeiro-ministro, quando Veiga Simão e Almeida Santos, dois doidos de bola, fanáticos pela Académica, "promoveram a publicação da legislação que autorizou os clubes a explorar bingos, e a pagar ao Fisco e à Segurança Social, não sobre os reais vencimentos dos seus profissionais, mas apenas sobre uma parte dos mesmos." (*DN*, de 7/12/2023).

Narciso esteve no Governo, como secretário de Estado da Administração Portuária do executivo de António Guterres. Já Valentim foi cônsul, presidente do Boavista (de 1983 a 1997, apesar de "ser sportinguista desde miúdo"), presidente da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (em 1991-1994 e em 1996-2006) e, por inerência, vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol, presidente da Junta Metropolitana do Porto, de 2001 e 2005, período em que a sede da Junta se mudou para um prédio da propriedade de uma empresa que tinha entre os seus accionistas familiares do próprio Valentim (um dos filhos era presidente da assembleia geral e outro do conselho fiscal), que se justificou com a poupança alcançada na renda (*Público*, de 23/11/2002). No plano partidário, chegaram ambos ao topo: Narciso presidiu à Federação Distrital do PS Porto, de 1998 a 2003, e Valentim chefiou a Comissão Política Distrital do PSD, entre 1999 e 1999. Tornaram-se, assim, figuras nacionais de primeiro plano e foram imortalizados nos bonecos do Contra-Informação, um como "Narcísio Miranda", outro como "Major Valentão" (noutras versões, "Major Valentinho" ou "Valentim Loureiricci") e, ainda recentemente, Maio de 2023, circulou um anúncio para contratação de um sósia de Valentim, com vista à realização de um videoclipe.

Do ponto de vista do contacto

Narciso & Valentim são também a prova viva de que o populismo é mais antigo – e mais enraizado – do que por vezes supomos, e que a sua erupção na política não nasceu com Trump, Bolsonaro ou Ventura.

físico, Narciso esteve envolvido nas célebres cenas de amasso e arruaça na lota de Matosinhos, em Junho de 2004, que culminaram na morte, por ataque cardíaco, do candidato Sousa Franco, no seio de uma comitiva integrada por António Costa, José Sócrates, Vieira da Silva e José Lello (jornal *i*, de 23/8/2018; *Sol*, de 10/8/2017). Nesse plano, mais táctil, realce para a visita de trabalho de Valentim ao I Salão Erótico do Porto, no Pavilhão Multiusos, Fevereiro de 2008, onde percorreu os expositores, disse uma outra piada, assistiu sentado na primeira fila a um aprazível *show* lésbico e "até chegou mesmo a recorrer ao tacto para perceber melhor a textura de um dos predicados oferecidos por uma mulher" (*Público*, de 9/2/2008). Entrevistado por Nicolau Breyner, em 1995, a primeira coisa que disse, logo a abrir, referindo-se às *partenaires* de Nico, foi: "antes de mais, deixe-me felicitá-lo por estas duas *caramelas*, que são realmente de se lhe tirar o chapéu! Ah, ah, ah!" (RTP, 8/3/1995). Realce, também, para a sua participação num programa de Maria Elisa subordinado ao tema "O Poder Pode Ser Afrodisíaco?" (RTP, 30/5/1996), pergunta de resposta óbvia, claramente afirmativa, tendo em conta que, além da oficial, o major manteve durante anos uma segunda família clandestina, com mulher e dois filhos, a Mariana Jorge e o Manuel Valentim, a quem o município de Gondomar arrendou dois apartamentos em Nevogilde, que se destinavam a hospedar estudantes vindos de Cabo Verde, no âmbito de um protocolo de geminação. Acusado pelo Ministério Público do crime de participação económica em negócio, o major convocou uma conferência de imprensa, onde garantiu que foi "tudo legal", acrescentado: "naturalmente, que tive alguns problemas quando a minha mulher soube, porque isto andou escondido durante mais de uma dezena de anos, porque eu não andava na rua sequer com os meus filhos, muito menos com a mãe." A situação gerou alguns episódios pícaros: em Março de 2011, a revista "Vidas", do *Correio da Manhã*, surpreendia o major a almoçar leitão da Mealhada, na companhia de uma senhora, informando que Valentim "acabou por se deliciar com um dos petiscos da casa e pôr o namoro em dia com a companheira de vários anos", retratada em foto; na semana seguinte, a devida correcção: "a última edição da revista Vidas escreveu, por lapso, que o presidente da Câmara de Gondomar estava na companhia da mulher. Aos visados e aos leitores, o Correio da Manhã apresenta um pedido de desculpas." (*CM/Vidas*, de 15/3/2011).

Pese estes acidentes de percurso, menores e privados (ou só públicos devido ao busílis dos apartamentos), Valentim tem sido um homem apegado à família. Qualifica a legítima, Joaquina, como uma "mulher inteligentíssima" e é extremoso no cuidado dos filhos: João, ex-vocalista dos Ban, celebrizados pelo êxito "Irreal Social", sucedeu-lhe na presidência do Boavista e, juntamente com os irmãos Nuno e Jorge, foi dono do Via Rápida, uma das discotecas de maior sucesso no Porto dos anos 90, além de presidente do Conselho de Jurisdição da Distrital do Porto do PSD, vice-presidente da sua Comissão Política e deputado eleito em 1998. Esteve envolvido, mas foi completamente ilibado, no caso "Apito Dourado" (e noutro, quando o avião em que ia partir para o Brasil, em 2021, transportava 500kg de cocaína). Mais recentemente, em Janeiro de 2023, surgiu a notícia de que, por causa da exploração do Bingo do Boavista, foi condenado a 28 meses de prisão, suspensa por 30 meses, pela prática de crime de abuso de confiança fiscal, em execução continuada, por retenção indevida de impostos (*Observador*, de 19/1/2023). Já Jorge Loureiro, como vimos, foi condenado no caso da "Quinta do Ambrósio" e, mais recentemente, o Sporting acusou-o de, no decurso de um jogo no Estádio do Bessa, ter dado três socos (um na face, dois na nuca) a um membro do conselho directivo leonino (Jorge era membro do conselho geral do Boavista, tendo os dirigentes do Sporting de abandonar a tribuna sob escolta policial, facto que levaria a um pedido desculpas por parte dos axadrezados: *Record*, 10/3/2019). Por seu turno, a filha Daniela, licenciada em Psicologia e Relações Internacionais e docente no Instituto Superior da Maia (hoje, Universidade da Maia, da cooperativa Maiêutica), chegou à vereação de Gondomar através de um expediente clássico: o empresário David Martins, apresentado em campanha como um trunfo da candidatura de Valentim, apresentou a sua demissão escassos quinze dias após tomar posse, alegando razões do foro zoológico ("não sou um animal político, nem quero transformar-me num animal político"), facto que levou à subida de Daniela como vereadora adjunta do seu pai, o qual, questionado pela imprensa, disse que "mal conhecia" o número quatro da sua lista, apesar de ter garantido que "fui eu que fiz a lista; logo, se quisesse, punha a minha filha no lugar que entendesse." (*Público*, de 12/11/2005).

***

Nos arquivos televisivos, quando vemos o olhar aterrado do Professor Sousa Franco na lota de Matosinhos, arfando com falta de ar, como peixe fora d'água, apertado por mil lapuzes, apercebemo-nos facilmente de que aquelas imagens trágicas retratavam dois universos distintos, radicalmente diferentes, que correspondem a outras tantas formas de fazer política em Portugal: de um lado, um catedrático de Direito, oriundo de Lisboa, prestigiadíssimo, habituado desde novo ao convívio com as altas elites, e que, não por acaso, classificara a expressão "buraco orçamental", usada por Jorge Coelho, como "linguagem própria de cavadores"; do outro, o chamado "país real" composto por "homens de acção" ou "pessoas do concreto", o novo eufemismo para os caciques do antigamente.

Desde os tempos da Monarquia, mudou-se pouco no essen-

cial. O *esprit de clocher* é o mesmo. A política foi transferida das boticas e dos adros das igrejas para os salões de bombeiros, os recintos gimnodesportivos ou os pavilhões multiusos, com o velho carneiro com batatas a dar lugar ao circuito da carne assada ou aos ágapes de febras de porco.

Neste contexto, o contexto da febra do porco, Narciso & Valentim surgem como uma encarnação viva – e vulcânica – da orteguiana *rebelião das massas* surgida no pós-revolução, num processo natural e espontâneo, em parte fatal e saudável. Um e outro representam, além disso, e sobretudo, a hegemonia do bloco central de interesses que começou a gizar-se logo na fase da democratização, finais dos anos 70. As direcções socialista e laranja toleraram-lhes os dislates, apadrinharam-lhes os imbróglios, promoveram-nos a altos voos, por um lado em reconhecimento do papel que tiveram na implantação das máquinas partidárias e, por outro, porque Narciso & Valentim, ou outros como eles, são essenciais para que PS e PSD consigam uma cobertura integral da quadrícula do território e possam surgir, assim, como partidos verdadeiramente *nacionais*. "Homens de acção", como Valentim e Narciso, são utilíssimos, imprescindíveis, enquanto forças da Natureza que, ainda hoje, promovem comícios de casa cheia, arrebanham sindicatos de votos de militantes com as quotas em dia e garantem que os líderes, nas suas "idas ao terreno" ou nas "voltas pelo país", têm arruadas retumbantes, prenhes de velhas e beijinhos. Sem eles, não haveria a democracia que temos. Com eles, é esta a democracia que temos.

Narciso & Valentim são também a prova viva de que o populismo é mais antigo – e mais enraizado – do que por vezes supomos, e que a sua erupção na política não nasceu com Trump, Bolsonaro ou Ventura. "Eu não sou populista, sou popular, sou uma pessoa que se dá bem com as pessoas simples", dizia Valentim já em finais dos anos 90, numa entrevista a Rolo Duarte, já citada, onde está tudo:

(a) – o anti-intelectualismo militante e alvar, largamente motivado por complexos sociais e culturais ("causo uma fricçãozinha nos pseudointelectuais", disse ele, depois de ter chamado "caniche de estimação" a Pacheco Pereira);

(b) – a vertigem da autoridade e do mando absoluto, tirânico ("gosto de ver gente a mandar e gente a obedecer"; "em Gondomar, nada é feito sem que o major dê o ok", disse o seu braço-direito ao *DN*, de 1/10/2005);

(c) – o discurso anti-elites e a ligação directa ao povo, invocando-se o privilégio plebeu de ter nascido no seu seio ("sou uma pessoa querida do povo, das pessoas simples"; "para se resolverem os problemas das pessoas é fundamental que se tenha vivido como muita gente vive. Há quem viva em ambientes onde nunca se teve o verdadeiro conhecimento dos problemas que as pessoas têm eu. Felizmente, venho de uma aldeia, onde tive uma vida que não foi fácil, andei descalço, com umas alpercatazitas..." – disse Valentim a Nico, 1995);

(d) – a promessa higienizante de "limpeza" da corrupção (Valentim dizia pugnar pela "moralização do futebol", garantia que iria "*limpar* o futebol"), a par da auto-proclamação, vezes sem conta, da ética e da integridade próprias ("em 30 anos de poder público, 29 como autarca e um no Governo nunca tive nada que me beliscasse em matéria de corrupção", afirmou Narciso, em 2021);

(e) – por fim, mas não por último, a invocação do "Norte" como reduto e bastião de virtudes – trabalho, ética nos negócios, valor da palavra dada –, em contraste com Lisboa e com o Sul, irremediavelmente corruptos, narrativa populista a que, mais cedo ou mais tarde, todos os líderes nortenhos recorrem (Valentim, Narciso, Pinto da Costa, Rui Rio, Rui Moreira), e que, além de não isenta de caracteres racistas e xenófobos (os "puros cristãos" nortenhos vs. os "mouros" meridionais), lhes tem permitido mobilizarem a seu favor – e dos seus desmandos – os sentimentos mais básicos e mais caceteiros das gentes de uma região inteira, cujas legítimas aspirações acabam, assim, por ficar encerradas e sequestradas por um discurso somente pela negativa, todo feito do contra, forjado no ódio e nos complexos. Quem ouse questionar o modo como autarcas, dirigentes desportivos e outras notabilidades têm manipulado as populações do Norte, será de imediato apodado de "elitista" e "sulista", quando não "liberal", famigerada expressão de Luís Filipe Menezes, um dos raros políticos que teve a noção do carácter redutor e limitativo da retórica regionalista (desde logo, para as suas aspirações em figurar-se como um líder nacional), mas que, num momento de aperto, foi incapaz de se libertar dela, tal a sua força apelativa e sequestradora.



Neste contexto, o contexto da febra do porco, Narciso & Valentim surgem como uma encarnação viva – e vulcânica – da orteguiana rebelião das massas surgida no pós-revolução, num processo natural e espontâneo, em parte fatal e saudável.

O potente Volvo usado por Valentim na câmara de Gondomar foi leiloado em 2016, e arrematado pelo triplo do preço-base, talvez por um comprador saudoso do longo consulado do velho major. Pouco antes, em 2014, o seu sucessor na edilidade, Marco Martins, descobriu que o gabinete do presidente estava transformado num *bunker*, onde poucos algumas vezes tinham entrado. Em duas décadas à frente dos destinos da autarquia, Valentim só por duas vezes se deslocou ao bar do edifício camarário e, quando o fez, foi para "reclamar com os funcionários." Tinha um elevador secreto, de uso exclusivo, cujo código era sua data de nascimento, que dava acesso a um parque de estacionamento para os automóveis do presidente e da filha, ex-vereadora (*Visão*, 26/1/2014).

Hoje com 84 anos, Valentim Loureiro foi qualificado como "uma besta daquelas" por José Milhazes, que com ele quase se envolveu em pugilato no átrio de um hotel em Moscovo, com o major a acusá-lo aos gritos de ser membro do KGB e de estar ali para o espiar (*Observador*, de 14/6/2018). Pela mesma altura, a jornalista Felícia Cabrita contou ao *Sol*, de 1/7/2018, que sofreu sérias ameaças de bomba no seu carro, após ter publicado no Expresso a citada biografia do major, na qual, além do caso das batatas, se dava conta, entre o mais, de que Valentim fez o primeiro negócio com apenas 11 anos, que uma antiga professora sua na Escola Comercial de Viseu o recordou como "expressivo, vivo e muito inteligente, mas para atingir os seus fins fazia tudo", que, quando estudava na Escola do Exército, onde tinha a alcunha do "Roxinha", falsificara a assinatura de um companheiro de quarto nas senhas de abastecimento na cantina (apanhado pelos camaradas, ameaçou matar-se caso fosse expulso), que era um frequentador assíduo dos bordéis e das casas de má nota da capital e, mais tarde, na euforia bolsista de 1973, que foi multado pelo Banco de Portugal por emprestar dinheiro para a compra de acções, além de ter estado envolvido num estranho caso de um cheque entre o BCP e um banco-fantasma da Costa Rica (diz-se também que terá ganho duas vezes a lotaria, mas deve ser mito urbano). Por sua vez, o *Público*, de 25/7/2008, descobriu que, apesar de se afirmar como "empresário", as mais importantes empresas que Valentim detinha estavam em insolvência ou em processo de recuperação e que as restantes se resumiam a pequenas empresas e a estabelecimentos comerciais, com cerca de cinco funcionários cada. Em 2008, o seu antigo assessor de imprensa, Nuno Nogueira Santos, publicou uma biografia do homem que, segundo ele, "envolve em si vários paradoxos". Apesar do título (*A Varinha Mágica de Valentim Loureiro: Méritos, Truques e Habilidades Populistas*, Prime Books, 2008), trata-se de uma obra hagiográfica, onde se afirma, saudando o bom respeitinho, que "sempre que Valentim Loureiro fala, os gondomarenses calam-se e escutam" e, num registo enternecedor, que "ao verem Valentim Loureiro, os petizes correm para os seus braços, dão-lhe as mãos com a alegria e o carinho com que tratariam uma *figura Disney*, como o *Donald* ou o *Bambi* ou, se preferirmos, como se fosse o avô", e, enfim, que "todos deveríamos aproveitar de Salazar e Valentim qualidades que se foram perdendo nos tempos da democracia moderna que julgamos viver em Portugal". Somos também informados que o major-Bambi era um ardente apoiante de José Sócrates e que chegou a ponderar candidatar-se à Presidência da República. Nas suas memórias, o ex-futebolista e ex-treinador Octávio Machado, também conhecido por "Palmelão", recorda um curso de treinadores que fez, onde o major deu uma palestra, começada por uma leitura do *If*, de Kipling, acompanhada de música ("um treinador deve ser um homem culto e a música faz parte da cultura") e terminou com um sorteio de discos das suas lojas e de umas pulseiras da Guiné (*Vocês sabem do que eu estou falar*, Dom Quixote, 2008, pp. 73-74).

Narciso lamenta que hoje já não existam estadistas como Olof Palme, Willy Brandt, Kohl, González ou Mário Soares. Está "profundamente preocupado" com a guerra da Ucrânia e, no plano doméstico, serve de "motorista aos netos", acorda às 6h30 da manhã, começa o dia com uma caminhada de 10 quilómetros pelas marginais marítimas de Matosinhos e do Porto. Duas vezes por semana vai almoçar com duas tertúlias diferentes e está a escrever uma espécie de memórias, já tem mais de três mil páginas. Em 2005, deu à estampa *Na Praia da Boa Nova: Textos na Imprensa*, 1999-2004, antologia das suas prosas nos jornais, dedicada às filhas Vânia e Adriana, onde fala da "referência do lazer que é o NorteShopping" e reflecte sobre o país, o mundo e os seus compatriotas: "estou cada vez mais convencido de que o povo português tem inscrita nos seus genes a particularidade do paradoxo."

Narciso e Valentim são hoje escutados como pensadores e senadores desta República. Ontem, viveram-na, ajudaram-na a erguer-se, agora pensam-na, preocupados com a cidadania e a degradação das instituições. Ambos afastados da política (ou vice-versa), mantêm-se muito atentos e, ainda há pouco, 16 de Novembro de 2023, Narciso Miranda lamentou no *Público* a actual "forma de fazer política, que vai destruindo pessoas, valores, princípios". No final do artigo, um grito cívico, pungente e indignado: "é isto que queremos transmitir às novas gerações?" Fica a pergunta, uma entre muitas.

**Prova de vida (60) faz parte de uma série de perfis*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

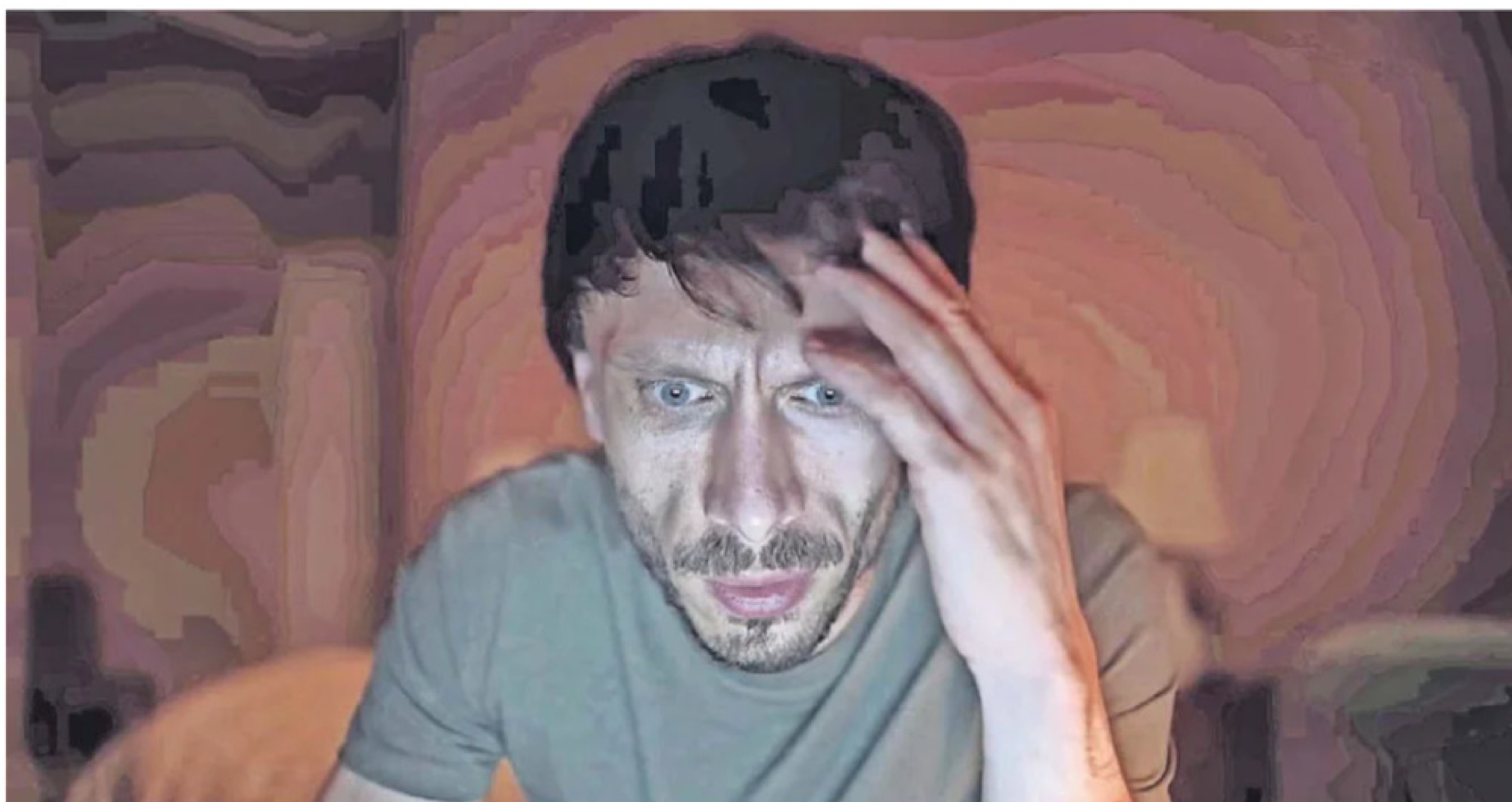


Entre as imagens
João Lopes

A solidão segundo Richard Gadd

Nos últimos largos meses, a mais surpreendente ficção audiovisual que descobri foi *Baby Reindeer*, minissérie escrita e protagonizada pelo ator escocês Richard Gadd (n. 1989), estreada em abril na Netflix. Surpreendente de modo muito literal: que dizer? Aliás, o que pensar? E, sobretudo, como pensar?

Partindo de vivências do próprio autor, é ele que assume a personagem central de Donny Dunn, empregado de um bar que quer construir uma carreira como comediante. Donny conhece Martha Scott, interpretada por Jessica Gunning, quando, um dia, ela lhe aparece, no bar onde ele trabalha, num estado de prostração que desencadeia a sua compaixão. Oferece-lhe uma bebida, para mais tarde, a pouco e pouco, Martha se transformar numa *stalker* que o persegue e ameaça, em frente de sua casa, em lugares públicos, através dos circuitos da Internet – 40 mil *e-mails* são a crua contabilidade desse processo em que o sarcasmo da comédia de costumes vai sendo contaminado por elementos de descarnado horror.



Richard Gadd e o seu ecrã: quem és tu?

Em termos "sociais", a série foi rapidamente catalogada através do "tema" do assédio, desaparecendo no caldeirão mediático em que tudo decorre de uma equívoca homogeneidade – os chamados assuntos fraturantes passaram a ser rentabilizados como mercadoria "informativa".

Lembremos, por isso, que, a par de Martha, há em *Baby Reindeer* outra figura particularmente maléfica para os destinos do protagonista: Darrien (Tom Goodman-Hill), um argumentista de televisão que se assume como mentor de Donny e que, de facto, através do uso de drogas e uma violenta manipulação sexual, o explora de modo brutal. Li um número razoável de abordagens de *Baby Reindeer* na imprensa de vários países e fui reparando que uma aparente omissão acidental correspondia, de facto, a um padrão "descritivo": não exagero se disser que, nuns bons 90% de tais abordagens, a personagem de Darrien não é sequer citada.

Dito de outro modo: as formas correntes do primarismo jornalístico (incluindo algumas formas de intervenção crítica) passaram a tratar os objetos de televisão, cinema ou literatura em função de uma importância mecânica, sem pensamento, previamente atribuída aos respetivos "temas". Na prática, isso significa que as maiores mediocridades e os trabalhos mais sérios e complexos (como é o caso de *Baby Reindeer)* são metidos no mesmo saco, anulando-se mutuamente.

Entenda-se: nada se trata de sugerir que houve uma vontade consciente de apagar as componentes malignas da história contada por Gadd. Não estamos perante uma questão de consciência, mas de algo oposto: inconsciência. O tratamento da ficção, não como uma textura específica de relação com um leitor/espectador, mas uma mera acumulação de "temas", faz com que se desconheçam as singularidades do trabalho narrativo – toda a gente fala de "narrativas", quase ninguém as pensa.

Nem mesmo as próprias declarações de Gadd conseguiram alterar os lugares-comuns que se abateram sobre *Baby Reindeer*. No passado mês de abril, numa entrevista à edição britânica da revista *GQ*, ele lembrava que podemos compreender a atitude indulgente de Donny em relação a Martha, acrescentando: "Quis mostrar que Darrien foi violentamente maligno, enquanto o comportamento de Martha provém de um universo de profunda vulnerabilidade."

> **A série *Baby Reindeer* é um caso invulgar de enfrentamento da complexidade das relações humanas.**

No panorama das atuais narrativas, *Baby Reindeer* surgiu, assim, como um invulgar enfrentamento dos enigmas das nossas relações, mesmo (ou sobretudo) os mais bizarros e perturbantes. O certo é que à sua volta prevaleceu a lógica dos *talk shows* mais moralistas, em que apenas se procura catalogar as pessoas (e o mundo inteiro) em função de matrizes pueris, sem verdadeiro desejo de conhecimento.

Baby Reindeer possui a energia, e também a sofisticação, da paixão dos velhos modelos melodramáticos – e não será por acaso que, no interior daquele esquematismo de raiz televisiva, a palavra "melodrama" é aplicada com conotações pejorativas. Na solidão do seu desejo, Donny descobre que nada sabe sobre o desejo do outro, não há salvação na saturação de "comunicações" em que vivemos. Bem-vindos à tragédia.

Jornalista.



Chef Ricardo Bolas

Risotto de amêijoa e robalo

Dica do *chef*:
O caldo deve ser sempre utilizado quente, de forma a não baixar a temperatura do processo de abertura do arroz.

EDIÇÃO **FILIPE GIL**



A acompanhar

O *chef* sugere, para harmonização com o seu *risotto*, o vinho Niepoort Redoma Reserva Branco.



O *chef*

Ricardo Bolas deu os primeiros passos na cozinha ainda dentro do núcleo familiar, por influência dos pais, com negócios na área da restauração. Tendo-se formado na Escola de Hotelaria do Estoril, trabalhou durante sete anos no Restaurante Cipriani, no Hotel Lapa Palace, em Lisboa. Neste período, teve oportunidade de trabalhar com conceituados *chefs*, que mais tarde o convidam para abrir o restaurante italiano D'Oliva, onde trabalhou como *sous chef* durante quatro anos. Seguiram-se diversos projetos, e em 2016 junta-se à equipa da Plateform, onde se estabelece como *chef* executivo do Rocco, prestando também consultoria a outras marcas italianas do grupo.

Ingredientes:

240 g de arroz Carnaroli
1 l de caldo de legumes
48 unidades de miolo de amêijoa
10 g de coentros picados
1 *zest* de limão
Sumo de limão q. b.
4 g de sal fino
3 g de pimenta preta
100 g de manteiga sem sal
4 filetes de robalo
5 g de salicórnia
Azeite q. b.
2 dentes de alho
200 g de cebola branca
2 dl de vinho branco
Sal grosso q. b.
Rebentos de coentros q. b.

Preparação do caldo de legumes
Preparar o caldo usando todas as cascas de legumes que tenha disponíveis: cenoura, espargos, alho-francês (parte verde), aipo. Não usar pimento e beringela, pois escurecem o caldo, podendo também amargar.
Colocar todas as cascas numa panela. Cobrir com água, deixar levantar fervura e filtrar com recurso a um passador. Reservar.

Preparação das amêijoas
Num tacho, colocar azeite e deixar aquecer. Juntar os dentes de alho e os talos de coentros. Adicionar as amêijoas e agitar o tacho. Refrescar com vinho branco e sumo de limão. Tapar até as amêijoas abrirem. Desligar o lume. Separar o miolo das cascas e filtrar o caldo com recurso a um passador. Reservar o miolo e o caldo.

Preparação do *risotto*
Descascar e picar a cebola em cubos pequenos. Num tacho, colocar azeite e refogar a cebola picada. Adicionar o arroz e deixar fritar, mexendo sempre. Refrescar com vinho branco. Quando o vinho evaporar, adicionar o caldo de legumes aos poucos, mexendo sempre o arroz de forma delicada, até o caldo evaporar. Continuar a acrescentar mais caldo aos poucos, repetindo sempre este processo durante 14 minutos, para que fique *al dente*.
Por fim, adicionar o caldo de amêijoa e deixar reduzir o caldo. Adicionar a *zest* de limão. Temperar a gosto. Com o tacho fora do lume, adicionar a manteiga e envolver de forma delicada. Finalizar com coentros picados.

Preparação do robalo
Temperar o peixe com sal grosso e pimenta. Numa frigideira, acrescentar azeite e deixar aquecer bem. Corar o peixe de ambos os lados, começando sempre pelo lado com pele. Levar os filetes ao forno preaquecido a 180ºC, durante cerca de 6 minutos, para terminar confeção do robalo.

Empratamento
Colocar o risotto de amêijoa no fundo do prato. Colocar um filete por cima e a salicórnia a ladear. Decorar com rebentos de coentros.



A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

A LEI DO INQUILINATO

GOVERNADORES COLONIAIS

BATERAM-SE AO SABRE

OS TELEFONES

EM SINTRA

O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA

ENTREVISTA

CARLOS SELVAGEM

REFORMA DO MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS

NAVEGAÇÃO AÉREA

MOVIMENTO FINANCEIRO

O nosso novo folhetim

Sonho de amor

UM ZEPELIN MONSTRO

O SABIO MARCONI

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 25 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

EM SINTRA

O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA

para o hospital da Misericordia

A' cerimonia, realizada ontem, assistiram o Chefe do Estado, presidente do Ministerio e outras individualidades de representação

Efectuou-se ontem, no Alto das Murtas, em Sintra, a cerimonia do lançamento da primeira pedra para o edificio do novo hospital da Misericordia daquela vila, segundo projecto do distinto arquitecto sr. Porfirio Pardal Mendes, e cujos delineamentos descrevemos no nosso numero anterior.

Escusado se torna acentuar a importancia desse melhoramento com que vai ser dotada a formosissima vila.



O sr. Presidente da Republica na cerimonia do lançamento da primeira pedra para o Hospital de Sintra

A cerimonia de ontem, como era de prevêr, revestiu grande imponencia, quer pela presença do venerando chefe do Estado e de outras entidades oficiais de elevada representação, quer pelo numero de pessoas de todas as categorias sociais que nela tomaram parte.

Num vasto planalto, ao topo do aprazivel local onde será construido o novo edificio da Misericordia de Sintra, que muito deve á dedicação e ao incansavel esforço do seu digno provedor, sr. José Ferreira Sá Piedade, erguia-se um vistoso pavilhão ornamentado com bandeiras e plantas.

A's 5 horas da tarde chegou o sr. Presidente da Republica, que viera de Lisboa em automovel, acompanhado pelo seu ajudante, 1.º tenente sr. Arantes Pedroso, e pelo chefe do protocolo, sr. Luís Barreio da Cruz.

A guarda de honra era feita por bombeiros voluntarios de Sintra e de S. Pedro, com a respectiva banda.

S. ex.ª ocupou o lugar que lhe competia, em frente duma mesa coberta com um rico pano de damasco, e sobre a qual se viam os autos da cerimonia e as moedas destinadas ao primeiro cabouco do edificio.

A' direita do sr. Presidente da Republica sentaram-se os srs. general Correia Barreto, presidente do Senado e Costa Gomes, presidente da Junta Geral do Districto; e á esquerda os srs. Rodrigues Gaspar, presidente do Ministerio e dr. Filipe Mendes, governador civil de Lisboa.

Terminada a calorosa manifestação de simpatia com que a multidão acolheu o ilustre Chefe do Estado, usou da palavra o sr. dr. Raul da Costa Gonçalves, presidente da Camara Municipal de Sintra, que, em nome dos habitantes do concelho, apresentou saudações ao supremo magistrado da nação, agradecendo-lhe a honra da sua comparencia.

Em seguida falou o sr. Sá Piedade, provedor da Misericordia, significando tambem o seu reconhecimento ao sr. Presidente da Republica e pedindo-lhe que não esmoreça na solicitude com que tem patrocinado todas as iniciativas tendentes a valorizar e engrandecer a acção das corporações de beneficencia.

A proposito, o orador aludiu em termos elogiosos á iniciativa tomada pelo «Diario de Noticias», promovendo ultimamente as festas do «Dia das Misericordias», cujo exito foi uma iniludivel demonstração dos sentimentos de generosidade do povo português.

Estes discursos foram coroados com vibrantes vivas ao Chefe do Estado, á Patria, á Republica, ás Misericordias, etc.

Depois do sr. Presidente da Republica ter agradecido em curtas palavras as saudações que lhe dirigiram, assegurando que cuidará a melhor boa vontade para que a acção das Misericordias e doutras instituições de caridade se torne eficaz, o sr. Sá Piedade fez a leitura do auto da cerimonia.

Por ultimo, procedeu-se ao lançamento da primeira pedra para o novo edificio a qual estava suspensa por um guindaste. Depois do sr. Presidente da Republica ter lançado a argamassa sobre o cabouco em que ficou encerrado o tubo de vidro contendo um dos autos e as moedas, os srs. presidentes do Senado e do ministerio, e ainda o provedor da Misericordia de Sintra, bateram com um martelo as pancadas do estilo sobre a pedra.

Assistiram á cerimonia, entre outras individualidades, os srs. capitão Paula Pacheco, como representante do sr. ministro do Trabalho; Eusebio Duarte Ribeiro, delegado do governo no concelho de Sintra; Joaquim Brandão, de Lisbon; capitão Dias Costa e tenente Pimentel, comandantes das secções da Guarda Republicana; dr. Neves Ferreira, juiz da comarca; dr. Albano de Vasconcelos, conservador do registo predial; Jacinto Ferreira, secretario de finanças; major Cifka Duarte, capitão Beja e Cunha e Almeida e tenente Artur Brito, pelo Aero Clube, etc.

O sr. Sá Piedade recebeu os seguintes donativos: 190$00, do sr. João Consiglieri Pedroso, para a Misericordia de Sintra e 100$00, do sr. Manuel Tavares Dias, com destino aos presos da cadeia da mesma vila.

O DUELO DA MANHÃ DE ONTEM

BATERAM-SE AO SABRE

os srs. Cunha Leal e Travassos Valdez

Depois de varios e energicos assaltos, em que ambos os contendores mostraram a maior energia e serenidade, sendo ambos ligeiramente tocados por diversas vezes, o sr. Travassos Valdez recebeu um profundo golpe no braço direito, que o impossibilitou de continuar o combate





Uma das fases mais vivas do assalto — O primeiro penso

Confirmando o que o *Diario de Noticias* dissera, realizou-se ontem, de manhã, o duelo entre o capitão sr. Cunha Leal e o major sr. Travassos Valdez, tendo sido a pendencia motivada, como se sabe, pelo facto de ter o primeiro daqueles senhores afirmado, quando defendia no tribunal o oficial da armada sr. Filomeno da Camara, que o major sr. Travassos Valdez havia mentido.

Nomearam-se as testemunhas de ambas as partes, as quais efectuaram varias reuniões, tendo o caso tido o seu desfecho, na manhã de ontem, no Casal da Ponte, em Benfica, quasi no fim da estrada militar.

Como para o duelo Alvaro de Castro-Ribeiro da Fonseca, esta pendencia despertou grande interesse, havendo muita gente disposta a perder uma ou mais noites, para ter o ensejo de assistir ao emocionante encontro. A carta do sr. Filomeno da Camara, publicada no «Diario de Lisboa», veio, porém, despistar muita gente, pois afirmando este oficial que o sr. Cunha Leal fizera as afirmações em questão no interesse da sua defesa e sob a garantia da palavra de honra dele, signatario da carta, houve muito quem supusesse — e talvez alguem o tivesse feito espalhar para afastar os curiosos — que o duelo já se não realizaria ou, pelo menos, teria sido adiado, já não sendo os mesmos os contendores.

As testemunhas haviam-se reunido mais uma vez, ante-ontem, no Gremio Literario, guardando no entanto o mais impenetravel segredo sobre o que ficára resolvido. A' meia noite, os amigos do sr. Cunha Leal e do sr. Travassos Valdez nada sabiam, á excepção, bem entendido, dos que tinham tido interferencia no conflito, tendo muitas pessoas, que haviam chegado a alugar automoveis e side-cars para assistir ao encontro, desistido dos seus propositos, convencidas de que este tinha ficado sem efeito.

O jornalista, porem, não pode curar por informações, ainda quando estas tenham todas as aparencias de verdadeiras. Assim é que, cheios de impaciencia, de duvidas... e de frio, continuámos atentos e vigilantes, seguindo directamente os passos das pessoas que, pelas suas relações com os contendores, nos podiam levar a uma conclusão satisfatoria.

Pelas três horas da madrugada, em frente da estação do Rossio, começaram a formar-se grupos que discutiam o caso. Ha duelo, não ha duelo? Faziam-se apostas, aventavam-se hipoteses. E ninguem chegava com uma informação concreta.

Na praça dos Restauradores, os motoristas e «chauffeurs» ofereciam os seus serviços aos transeuntes:

—Quere um carro para o duelo?

—Mas então sempre ha duelo?

—Parece que sim...

Mas os «chauffeurs» eram suspeitos. Tratavam do seu negocio. E a duvida continuava, enervante, aborrecida...

Um automovel misterioso que desfaz todos os misterios

Nisto, ás 5 horas da madrugada, parou á porta do Avenida Palace um automovel, com o «chauffeur» fardado de branco, que nos despertou a atenção. Pusemo-nos em campo. Tirámos informações. E apurámos que aquele carro transportára havia pouco o sr. Cunha Leal. Era uma bela pista!

Instantes depois passavam varios automoveis, que se iam ocultar nas arterias perpendiculares á Avenida. Conduziam certamente os que estavam no segredo dos deuses. Já não havia que duvidar! O duelo realizou-se e nós estavamos em boas condições para o nosso serviço de reportagem.

De facto, um quarto de hora depois saía do Avenida Palace, com as suas testemunhas, o sr. Cunha Leal, que tomou lugar no automovel a que nos referimos, o qual se pôs imediatamente em marcha, seguido dos outros que esperavam a sua passagem.

Fomos-lhe tambem na peugada, conseguindo frustrar todas as tentativas feitas para nos despistar. O carro do sr. Cunha Leal sóbe a rua do Salitre, retrocede, toma pela Avenida, mete a toda a força pela rua Fontes Pereira de Melo, vira numa carreira vertiginosa pela Avenida Antonio Augusto de Aguiar. Tudo inutil! Não o largámos, os outros não o largam. Não é para um fiasco que se passa uma noite inteira ao frio!

O carro detem-se á porta do sr. dr. Azevedo Gomes, medico do sr. Cunha Leal, para prosseguir logo na marcha interrompida. Um instante o perdemos de vista, para logo o reencontrar. Tomámos então todos por uma estrada muito estreita, cheia de curvas e encruzilhadas e que vai ter á estrada militar, onde os carros passaram junto ao Casal da Ponte.

O major sr. Travassos Valdez chegára cinco minutos antes, acompanhado das suas testemunhas, srs. coronel Mardel e Amilcar Pinto. O sr. Cunha Leal fazia-se acompanhar tambem das suas, srs. Sinel de Cordes e Rego Chaves.

A's 6 e 45, as testemunhas fazem a demarcação do terreno, conforme as praxes estabelecidas nos codigos de honra, enquanto os medicos, srs. drs. Azevedo Gomes e Mac-Bride, procedem á desinfecção dos sabres e instalam o posto de socorros.

Os poucos curiosos, que conseguiram desvendar o segredo do local e da hora do duelo, escolhem posições. Todos têm os olhos fitos nos dois duelistas, que se mostram calmos.

A's 7 em ponto, os contendores despem os casacos e as camisas, ficando em camisola. O sr. Cunha Leal dirige-se para o ponto que lhe é indicado, sorridente e de mãos nos bolsos. O sr. Travassos Valdez coloca-se-lhe na frente, sorrindo tambem, com a mesma serenidade. Parece que é mais penetrante o frio, naquele minuto em que a emoção é mais viva e mais angustiosa.

O juiz de campo, coronel sr. Viçoso May, abaixa a bengala.

—Em guarda!

O sr. Cunha Leal ataca logo, com energia. O major sr. Valdez apara o golpe do seu adversario e lança-se por sua vez sobre ele. Ambos se defendem bem e atacam com energia. O sr. Cunha Leal é tocado levemente no braço direito, interrompendo-se o encontro por dois minutos para desinfecção do sabre.

No segundo assalto ambos os contendores redobram de energia. Os entendidos tiram conclusões: o sr. Cunha Leal está pouco treinado, o que já não sucede com o seu antagonista, que mostra conhecer bem a sciencia da esgrima. Os dois adversarios aquecem. O sr. Travassos Valdez é ferido no rosto, intervindo os medicos que fazem a devida desinfecção.

3.º assalto: o sr. Cunha Leal ataca energicamente, mas encontra uma boa defesa. Nova interrupção. Os contendores, de uma serenidade exemplar, olham-se sorrindo.

Agora, é o major sr. Valdez quem ataca com calor, conseguindo tocar ligeiramente, varias vezes, o seu adversario. Os assistentes seguem com a maior atenção o emocionante encontro. Ambos os duelistas estão um pouco fatigados.

A's 7 e 15 inicia-se novo assalto. Os golpes sucedem-se, duros e bem dirigidos. O major sr. Valdez consegue tocar levemente na testa e num braço o sr. Cunha Leal, o qual, por seu lado, fere ligeiramente o adversario num braço e na cara.

E' desinfectado o sabre do sr. Valdez e recomeça a luta. Os dois contendores, visivelmente fatigados, continuam, no entanto, o combate, com a mesma energia e a mesma serenidade. A certa altura, o juiz de campo intervem e manda fazer alto, por se ter partido a ponta do sabre do sr. Cunha Leal, a qual foi furar, na sua trajectoria, a capa de borracha de um espectador.

Novos sabres. O sr. Cunha Leal ataca e consegue vantagens sobre o seu adversario, vindo a produzir-lhe no braço um ferimento, que, na opinião dos medicos, não o impossibilita de prosseguir o combate.

No assalto que se segue, logo ao principio, o major sr. Valdez fere debaixo do braço direito



O sr. Cunha Leal, atacando

o sr. Cunha Leal, que, pouco depois, caindo sôbre o seu antagonista, lhe dá um golpe profundo no ante-braço, causando-lhe um ferimento inciso de 6 centimetros de extensão.

Os medicos intervêm, verificando que o golpe interessára as partes moles, com secção das fibras do musculo, no terço superior do ante-braço direito, pelo que o sr. major Valdez foi considerado em estado de manifesta inferioridade para prosseguimento do duelo.

Os dois adversarios não se reconciliaram, tendo ambos recebido os cumprimentos dos seus amigos ali presentes, pela coragem, firmeza e serenidade demonstradas no duelo, que foi um dos mais emocionantes dos ultimos tempos.

Os ferimentos do sr. major Valdez foram cosidos com sete agrafes e os do sr. Cunha Leal com três.

Entre a assistencia viam-se tambem algumas senhoras, crianças e soldados do regimento de pontoneiros.

Quando a assistencia se dispunha a retirar, compareceram na estrada militar alguns soldados armados de carabina, os quais obrigaram toda a gente a ir explicar ao comandante do regimento ali aquartelado os motivos porque cada um havia passado na referida estrada sem a competente autorização.

Associações pedem regresso da manifestação de interesse

MIGRAÇÕES O movimento que representa 57 associações e coletivos vai lançar esta semana uma petição para que o tema possa ser discutido na Assembleia da República.

Associações de imigrantes vão concentrar-se, a 25 de outubro, em frente à Assembleia da República para reivindicar a reposição dos artigos que permitiam aos imigrantes avançar com um processo de autorização de residência e ficar legalizados, foi ontem divulgado. "Aprovámos convocar uma ação de rua para dia 25 de outubro, em frente à Assembleia da República, para reivindicar a reposição da manifestação de interesse", afirmou à Lusa Flora Silva, da associação Olho Vivo (Associação para a Defesa do Património, Ambiente e Direitos Humanos). Em causa estão as recentes alterações à lei de estrangeiros, em vigor desde 4 de junho, que acabaram com dois artigos (88.º e 89.º) que permitiam aos imigrantes avançar com um processo de autorização de residência e ficar legalizados, conhecido como "manifestação de interesse". "É indispensável a reposição destes dois artigos para a economia, as empresas e os imigrantes. O país precisa deles e, neste momento, não têm como vir e como se regularizar", afirmou a representante. A par da ação de rua, da reunião que decorreu ontem à tarde na Fundação José Saramago, em Lisboa, resultou a aprovação de uma moção de solidariedade com os trabalhadores da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), que desde quinta-feira estão em greve às horas extraordinárias. Simultaneamente, foi aprovado o lançamento de uma petição para que o tema possa ser discutido pela Assembleia da República. "Vai ser lançada esta semana", indicou Flora Silva. O movimento, que representa cerca de 57 associações e coletivos, agendou uma nova reunião para dia 15 de setembro. O encontro ocorre dias depois de se reunirem com membros do PCP, agendado para 2 de setembro, e do Partido Socialista, no dia 9 de setembro. Flora Silva disse ainda à Lusa que o movimento aguarda reunir-se com os restantes partidos, assim como com o primeiro-ministro. Em meados de julho, as associações de imigrantes reuniram-se com o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que, segundo os representantes, lhes prometeu lutar e "fazer pressão" para que volte a ser possível aos imigrantes recorrer à manifestação de interesse.

Astronautas presos só voltam em fevereiro

O que era para ser uma viagem de oito dias ao espaço acabou por se tornar numa saga de oito meses: os dois astronautas que viajaram em junho na nave da Boeing para a Estação Espacial Internacional não podem voltar na Starliner e terão que regressar à boleia da empresa privada Space X, revelou a agência espacial norte-americana.
"A NASA decidiu que Butch [Wilmore] e Suni [Williams] voltarão com a tripulação da missão Crew-9 em fevereiro e que a Starliner vai voltar vazia", anunciou o chefe da NASA, Bill Nelson.



NASA / AFP

BREVES

PAN pede suspensão imediata da largada de touros após morte de um homem em São Manços

O partido Pessoas-Animais-Natureza (PAN) exigiu ontem ao governo e à Câmara de Évora que determinem a "imediata suspensão" das largadas de touros em São Manços, após a morte de um homem, de 51 anos, na madrugada deste sábado. "Não podemos compreender a indiferença perante a morte de uma pessoa com elevada violência, nestas condições, e a total desresponsabilização do governo e da autarquia", lê-se num comunicado enviado à agência Lusa. A posição do PAN surge na sequência de um homem que ficou ferido com gravidade na madrugada de sábado após ter sido colhido numa largada por um touro em São Manços, no distrito de Évora, e que acabou por morrer no Hospital de Évora. As largadas de touros, segundo o partido, foram organizadas pelo Grupo de Forcados Amadores de São Manços, com o apoio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal de Évora, no âmbito das festas de verão, que incluíram vários eventos tauromáquicos no seu programa. Citada no comunicado, a líder do PAN, Inês Sousa Real, sublinha que o partido apresenta a sua "firme condenação" e uma "luta constante" para que esta "barbaridade termine de uma vez por todas".

Patriarca russo acusa Kiev de perseguir ortodoxos próximos de Moscovo

O patriarca da Igreja Ortodoxa Russa acusou ontem as autoridades ucranianas de perseguirem os crentes e pediu a ajuda da comunidade internacional, na sequência da proibição na Ucrânia do ramo da Igreja Ortodoxa ligado a Moscovo. Kirill apelou aos líderes religiosos de outras denominações cristãs e às organizações internacionais para que "levantem a voz em defesa dos crentes perseguidos". O patriarca descreveu a situação dos seguidores deste ramo da Igreja Ortodoxa na Ucrânia como crítica.
A Ucrânia anunciou em novembro o início de um processo penal contra o líder da Igreja Ortodoxa Russa, à revelia, por ter "justificado a invasão russa do território. O patriarca Kirill, firme defensor do presidente russo, Vladimir Putin, classificou a ofensiva da Rússia contra a Ucrânia como uma batalha contra as "forças do mal". As autoridades ucranianas adiantaram que "recolheram provas contra o chefe da Igreja Ortodoxa Russa, Vladimir Gundyaev (conhecido como Kirill)", sublinhando que este é "membro do círculo íntimo de altos líderes militares e políticos da Rússia e um dos primeiros a apoiar publicamente a guerra contra a Ucrânia".

DN
Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt•

5 605290 023026 56738